

copyright©1984 E. J. Hobsbawn

Título original em inglês: Worlds of Labour - Further Studies in the History of Labour

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA PAZ E TERRA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de bancos de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Editora Paz e Terra Ltda.

Rua do Paraíso, 139, 10º andar, conjunto 101 – Paraíso

São Paulo, SP – 04103000

<http://www.record.com.br>

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21)2585-2002

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Hobsbawn, Eric J., 1917-2012

B637F Mundos do trabalho, Eric J. Hobsbawn.

Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Bedran. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

ISBN: 978-85-7753-337-4

1. Trabalho – História 2. Trabalho e trabalhadores – história. I. Título II. Série

COD-331.11

87-0105 CDU-331 (09)

Impresso no Brasil

2015

SUMÁRIO

ILUSTRAÇÕES	7
AGRADECIMENTOS	9
PREFÁCIO	II
1 História operária e ideologia	15
2 Notas sobre consciência de classe	35
3 A religião e a ascensão do socialismo	61
4 Qual é o país dos trabalhadores?	89
5 A transformação dos rituais do operariado	113
6 Homem e mulher: imagens da esquerda	143
7 Sapateiros politizados	175
8 O mercado de trabalho de Londres no século XIX	227
9 O "novo sindicalismo" em perspectiva	265
10 A formação da cultura da classe operária britânica	301
11 O fazer-se da classe operária, 1870-1914	327
12 O debate sobre a aristocracia operária	357
13 A aristocracia operária reexaminada	377
14 Artífices e aristocratas do trabalho?	417
15 A década de 70: sindicalismo sem sindicalistas?	453
16 Deveriam os pobres se organizar?	467
17 O operariado e os Direitos Humanos	487
ÍNDICE	515

SAPATEIROS POLITIZADOS*

Em coautoria com Joan W. Scott

ELE SE APROFUNDARA NO Arminianismo e na política mais do que qualquer um de seus colegas. O *Methodist Magazine* e o *Weekly Dispatch* lhe eram semanalmente enviados por seu irmão. Sempre teve muito serviço de sapateiro, e era mais independente do que os lavradores ou camponeses. Costumava fazer observações irreverentes sobre os proprietários de terras e sobre a Câmara dos Lordes, a Câmara dos Comuns, a nova lei dos pobres, bispos, párcos, leis do cereal, a igreja e a legislação de classe.¹

É muito curioso que para cada tipo de ofício surja, nos artífices que o exercem, um caráter específico, um temperamento especial. O açougueiro geralmente é sério e cômico de sua própria importância, o pintor de paredes é descuidado e devasso, o alfaiate é sensual, o quitandeiro, curto de inteligência, o porteiro, curioso e tagarela, o sapateiro e o remendão, finalmente, são alegres, por vezes até mesmo animados, sempre com uma canção nos lábios (...). Apesar da simplicidade de suas preferências, os que fazem ou consertam sapatos novos e velhos sempre se distinguem pelo espírito irrequieto, por vezes agressivo, e por uma enorme tendência à loquacidade. Ocorre uma revolta? Surge da multidão um orador? É sem dúvida um sapateiro que veio proferir um discurso ao povo.²

*Gostariamos de agradecer a William Sewell Jr., E. P. Thompson e Alfred Young por seus comentários valiosos.

O radicalismo político dos sapateiros do século XIX é conhecido. Historiadores do trabalho de convicções ideológicas diversas descreveram o fenômeno e assumiram que ele não precisava de explicação. Um historiador da revolução alemã de 1848, por exemplo, concluiu que não foi “por acaso” que os sapateiros “desempenharam um papel predominante nas atividades do povo”. Historiadores das revoltas Swing na Inglaterra fizeram referência ao “notório radicalismo” dos sapateiros, e Jacques Rougerie explicava o destaque dos sapateiros na Comuna de Paris referindo-se a sua “tradicional militância”. Mesmo um escritor tão heterodoxo quanto Theodore Zeldin aceita a opinião geral sobre este ponto.³ O presente ensaio tenta explicar a notável reputação dos sapateiros como radicais políticos.

Afirmar que os sapateiros ou os integrantes de qualquer outro ofício têm uma reputação ligada ao radicalismo pode, naturalmente, ter um ou mais de um dentre três significados: uma reputação ligada à ação militante em movimentos de protesto social, confinada ou não ao ofício pertinente; uma reputação ligada aos movimentos políticos de esquerda, seja por simpatia, associação ou participação ativa neles; e uma reputação como o que se poderia chamar de ideólogos do povo. Embora estes significados possam facilmente ser associados, eles não são iguais. Os aprendizes e os artífices remunerados solteiros nos ofícios tradicionais organizados podiam ser mobilizados com facilidade, sem qualquer ligação necessária com o que na época fosse considerado radicalismo político. Os professores universitários franceses, pelo menos desde o período de Dreyfus, tiveram uma reputação de posicionamento mais à esquerda do que a de seus alunos. Isto não implicou necessariamente, embora também não excluísse, uma ação coletiva militante. Os tosquiadores de carneiros da Austrália, apesar de com frequência serem militantes

e associados à esquerda, não são geralmente considerados como grandes interessados em ideologia,* enquanto os professores de aldeia geralmente o são.

Os sapateiros, como ofício, tinham, no século XIX, uma reputação de radicalismo em todos os três sentidos. Eles eram militantes tanto nos assuntos que diziam respeito a seu ofício quanto em movimentos mais amplos de protesto social. Embora os sindicatos de sapateiros se limitassem a determinadas seções e localidades dentro de um universo muito extenso, e embora fossem eficazes somente de forma intermitente, já se organizavam em escala nacional bem cedo tanto na França quanto na Suíça, para não mencionar a Inglaterra, onde o sindicato londrino, fundado em 1792, já teria porte nacional em 1804. Os sapateiros e os carpinteiros foram os primeiros integrantes da Federação de Trabalhadores da Região Argentina (1890), que constituiu a primeira tentativa de formação de um sindicato nacional naquele país. Eles ocasionalmente entravam em greve em grande escala e estavam entre os ofícios mais propensos à greve na França durante a Monarquia de Julho. Também sobressaíam nas multidões revolucionárias. Seu papel como ativistas políticos pode ser amplamente documentado. Dos integrantes ativos do movimento cartista cujas ocupações são conhecidas, os sapateiros formam o maior grupo singular após os tecelões e os “trabalhadores” de ocupação não especializada: mais do dobro do número de trabalhadores na construção civil e mais de 10% de todos os militantes de ocupação conhecida. Na Tomada da Bastilha, ou pelo menos em meio aos detidos por esta razão, a representação dos sapateiros, em número de 28, somen-

*O falecido Ian Turner da Australian National University, Camberra, citou o caso de um grande número destes homens, detidos após a Revolução de Outubro por realizarem uma assembleia em apoio à insurreição e aos soviets. Uma cuidadosa busca de literatura subversiva não descobriu nenhum tipo de material impresso, exceto um folheto que alguns levavam em seus bolsos. Dizia: “Se a água estraga suas botas, o que não fará com seu estômago?”

te foi superada pelos marceneiros e serralheiros — e nas revoltas do Campo de Marte e em agosto de 1792 sua representação não foi superada pela de nenhum outro ofício.⁴ Entre os detidos em Paris por se oporem ao *coup d'état* de 1851, os sapateiros eram o contingente mais numeroso.⁵ Os trabalhadores que se envolveram na Comuna de Paris de 1871 que foram atingidos com a maior porcentagem de deportações após a derrota foram, como Jacques Rougerie observa, “naturalmente, como sempre, os sapateiros”.⁶ Quando eclodiu a rebelião na cidade alemã de Constança em abril de 1848, os sapateiros constituíam de longe o maior grupo homogêneo de rebeldes, quase equivalendo ao total da soma dos alfaiates e marceneiros, os dois ofícios mais rebeldes que se seguiam.⁷ Do outro lado do mundo, o primeiro anarquista jamais registrado numa cidade provinciana no Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, foi um sapateiro italiano, em 1897, enquanto o único sindicato que se tem notícias de ter participado do primeiro Congresso dos Trabalhadores de Curitiba (Brasil), de inspiração anarquista, foi a Associação dos Sapateiros.⁸

Unicamente a militância e o ativismo de esquerda, entretanto, não distinguem os sapateiros como grupo de alguns outros artifices, que foram em determinadas épocas pelo menos igualmente destacados sob este aspecto. Entre as vítimas da revolução de março de 1848 em Berlim, os marceneiros representavam o dobro do número de sapateiros, e os alfaiates eram nitidamente mais numerosos do que estes, embora os ofícios fossem comparáveis em tamanho.⁹ Durante a Monarquia de Julho, os carpinteiros e os alfaiates foram tão “propensos à greve” quanto os sapateiros. As multidões revolucionárias francesas tinham proporcionalmente mais gráficos, marceneiros, serralheiros e operários de construção civil do que havia na população parisiense. Se o maior grupo dentre os 43 anarquistas presos em Lyon em 1892 era constituído de onze sapateiros, o grupo de operários da construção civil não ficava muito atrás.¹⁰ Os alfaiates são associados aos sapateiros como ativistas tí-

picos na revolução de 1848 na Alemanha, e mesmo que os dois se sobressaíssem entre os artífices ambulantes alemães, que formavam o maior grupo dentro da Liga Comunista (“o clube dos trabalhadores é pequeno e consiste apenas em sapateiros e alfaiates”, escrevia Weydemeyer para Marx em 1850),¹¹ parece claro que os alfaiates eram mais importantes. Na verdade, o número aparentemente grande de ativistas sapateiros pode por vezes apenas refletir o tamanho de seu ofício que, na Alemanha e na Grã-Bretanha, consistia no maior grupo ocupacional de artífices.¹² As ações coletivas do grupo, portanto, não explicam a reputação radical dos sapateiros.

Não existe muita dúvida, entretanto, de que, enquanto intelectuais-operários e ideólogos, os sapateiros eram excepcionais. Mais uma vez, obviamente não eram únicos, embora, como veremos, nas aldeias rurais e nas pequenas cidades mercantis eles sofressem menor concorrência de outros artífices estabelecidos. Naturalmente, seu papel como porta-vozes e organizadores do povo do campo na Inglaterra do século XIX fica aparente a partir de qualquer estudo das revoltas Swing de 1830, ou do radicalismo político rural. Hobsbawm e Rudé relatam que em 1830 o distrito rebelde médio possuía sapateiros em número de duas a quatro vezes superior ao do distrito tranquilo médio.¹³ O sapateiro local, citando Cobbett — John Adams em Kent, William Winkworth em Hampshire —, é uma figura familiar.¹⁴ Era notório o caráter “político explosivo” desse ofício. No centro sapateiro de Northampton, os dias de eleição eram festejados como “feriados tradicionais”, da mesma forma que as corridas de cavalos da primavera e do outono.¹⁵ Contudo, é extraordinária a conexão entre a política e a eloquência. Quem diz sapateiro, com frequência surpreendente está dizendo jornalista e versejador, pregador e conferencista, escritor e editor. Esta impressão não é fácil de ser quantificada, embora os sapateiros formem o maior grupo — três — numa amostragem de dezenove “poetas trabalhadores” franceses do período anterior a 1850, todos de opinião radical:¹⁶ Sylvain Lapointe de Yonne, que

se candidatou à eleição de 1848; Hippolyte Tampusci, editor do *Le Grapilleur*, e Gonzalle de Rheims, editor do *Le Républicain*.¹⁷ Seria fácil alongar a lista — ocorre-nos o nome de Faustin Bonnefoi, editor do jornal fourierista na Marselha do período de Luís Felipe,¹⁸ de “Efrahem”, o autodidata que escrevia panfletos promovendo “uma associação de trabalhadores de todos os *corps d'état*”,¹⁹ e do cidadão Villy, um fabricante de botas que discursou no primeiro Banquete Comunista em 1840 e que havia publicado um panfleto sobre a abolição da pobreza.²⁰

Naturalmente, ninguém iria alegar que todos, ou mesmo a maioria, entre os sapateiros ativistas fossem artesãos intelectuais. Na realidade, temos exemplos de sapateiros militantes que nitidamente não eram grandes leitores, pelo menos em seu tempo de ativistas, como George Hewes, o último sobrevivente do *Boston Tea Party*.²¹ Embora, como um todo, os sapateiros pareçam ter sido mais alfabetizados do que a média, uma percentagem razoável de maus leitores não seria de estranhar num ofício tão numeroso e contendo tantos homens notoriamente pobres.²² O sapateiro menos letrado pode até se ter tornado mais comum à medida que o ofício se expandiu e se diluiu durante o século XIX. E, no entanto, a existência extraordinária, talvez única, de um grande número de intelectuais sapateiros não pode ser negada, mesmo se pudermos supor que estas pessoas atrairiam atenção especial para si mesmas em uma sociedade cuja maioria não era letrada. Quando a ideologia assumiu uma forma basicamente religiosa, eles examinaram as Escrituras, chegando por vezes a conclusões não ortodoxas: foram eles que trouxeram o calvinismo para a região de Cévennes,²³ que profetizaram, pregaram (e escreveram) o messianismo, o misticismo e a heresia.²⁴ No período secular, a maioria dos conspiradores de Cato Street (em grande parte comunistas seguidores de Spence) era de sapateiros, e era famosa sua atração pelo anarquismo. O *Le Père Peinard*, de Émile Pouget, trazia simbolicamente em sua capa a imagem de um sapateiro em sua oficina.²⁵ Tanto quanto temos

conhecimento, existe, de maneira mais geral, pelo menos em inglês, um volume substancial de literatura sobre a biografia coletiva do sapateiro, no século XIX, tal como nenhum outro ofício apresenta.²⁶ A grande maioria dos homens que inspiraram estas biografias é elogiada por suas realizações no plano intelectual. Seu sucesso neste campo pode explicar o surgimento destes compêndios na era da autorrealização.

É possível até mesmo argumentar que provérbios, tais como *Shoemaker stick to your last* (Sapateiro, não se meta onde não for chamado), encontrados em muitos países desde a Antiguidade até a Revolução Industrial, indiquem exatamente esta tendência dos sapateiros a expressar opiniões sobre assuntos que deveriam ser discutidos pelos reconhecidamente eruditos — “Que o sapateiro cuide do seu ofício e que os eruditos escrevam os livros”; “Sapateiros que pregam sermões fazem maus sapatos”, e assim por diante. Sem dúvida provérbios semelhantes são decididamente menos frequentes com relação a outros ofícios.²⁷

Mesmo se ignorarmos estas provas indiretas, o número de sapateiros intelectuais é impressionante. Eles não eram necessariamente radicais, embora seus panegiristas dos séculos XVIII e XIX preferissem acentuar suas realizações nos campos que impressionassem os leitores de nível social superior — a instrução, a literatura e a religião —, mas sem omitir sua reputação como políticos populares. Contudo, os historiadores não deixarão de observar que a religião na qual os sapateiros sobressaíam, quando não associados ao anticlericalismo e ao ateísmo,²⁸ era com frequência heterodoxa e radical para os critérios da época. Lembramo-nos de Jakob Boehme, o místico, perseguido pela igreja luterana de sua cidade, e de George Fox, o quacre. Pode também ser observada a combinação de radicalismo com atividades literárias, como no caso de Thomas Holcroft, o dramaturgo e jacobino inglês que havia sido sapateiro, ou de Friedrich Sander, o fundador do Sindicato dos Trabalhadores de Viena em 1848, que também escrevia poemas,²⁹ e do anarquista Jean Grave,

sapateiro que se tornou gráfico e editor de revistas com tendência nitidamente artístico-literária.³⁰

Não podemos obviamente atribuir aos sapateiros um monopólio das atividades intelectuais plebeias. Samuel Smiles, o eterno apóstolo do espírito de iniciativa, num ensaio sobre "Astrônomos e Estudantes na Vida Humilde: Um Novo Capítulo na 'Busca do Conhecimento sob Condições Difíceis'", também relaciona exemplos de outros ofícios.³¹ Entretanto, o fato de que, "no interior, é muito corriqueiro que a função de auxiliar administrativo seja exercida por um sapateiro" sugere um grau incomum de preparo.³² De qualquer modo, o intelectualismo dos sapateiros como grupo impressionou mais de um observador, e não pôde ser imediatamente explicado. Tanto W. E. Winks quanto as *Crispin Anecdotes* admitiam sua perplexidade frente a este fato, embora concordassem "que maior número de homens de pensamento pudesse ser encontrado entre os sapateiros, como corporação, do que na maioria das outras profissões".³³ Em sua autobiografia, o sapateiro radical John Brown comentou que: "As pessoas que gozam das vantagens de uma educação intelectual mais refinada dificilmente imaginariam o volume de conhecimento e de cultura livresca que pode ser encontrado entre os membros de meu venerável ofício."³⁴ Na França, dizia-se que os sapateiros eram "pensadores (...) (eles) pensam sobre o que viram ou ouviram (...) eles se aprofundam mais do que a maioria nos assuntos que dizem respeito aos trabalhadores."³⁵ Na Inglaterra, uma trova do século XVIII registrava que:

A cobbler once in days of yore
Sat musing at his cottage door.
He liked to read old books, he said,
And then to ponder, what he'd read.^{36*}

*Um remendão nos dias de outrora / sentado pensando à porta de sua cabana / dizia que gostava de ler livros antigos / e então meditar sobre o que havia lido.

Na Rússia, um personagem de uma obra de Máximo Gorki é descrito como “parecido a tantos outros sapateiros, facilmente fascinado por um livro”.³⁷

A reputação do sapateiro como filósofo e político popular é anterior à época do capitalismo industrial e se estende bastante além dos países típicos da economia capitalista. Na verdade, tem-se a impressão de que os sapateiros radicais do século XIX estavam cumprindo um papel de há muito associado aos membros de seu ofício. Os santos padroeiros do ofício, Crispim e Crispiniano, foram martirizados porque pregavam a heterodoxia a seus fregueses na oficina em Soissons — trata-se do cristianismo no tempo do imperador pagão Diocleciano.³⁸ No Ato I, de *Julius Caesar*, de Shakespeare, um sapateiro lidera um grupo que protesta pelas ruas. Em *Shoemaker's Holiday*, de Dekker, um exercício elisabetano de relações públicas em nome do “nobre ofício”, de Londres, os artífices demonstram-se caracteristicamente militantes: ameaçam abandonar seu patrão se este não der emprego a um artífice itinerante. Quase contemporânea a estas alusões dramáticas, encontramos a seguinte referência ao sapateiro Robert Hyde e a uma certa seção de Sherborne:

E ele acrescenta que pouco antes do Natal um certo Robert Hyde, sapateiro de Sherborne, ao ver este depoente passar por sua casa, chamou-o e pediu para ter uma conversa com ele e, após algumas palavras, iniciou um discurso. Sr. Scarlet, o senhor pregou para nós que existe um deus, um céu, um inferno e uma ressurreição após esta vida, e que nós teremos de prestar contas de nossas obras, e que a alma é imortal; mas agora há um grupo de pessoas nesta cidade e eles dizem que o inferno não é senão a pobreza e a penúria neste mundo; e que o paraíso não é senão ser rico, e gozar os prazeres; e que nós morremos como animais, e que depois que nos formos não há mais lembrança de nós etc., e assim por diante. Mas este inquiridor nem perguntou quem eles eram; nem deu quaisquer informações sobre si mesmo. E ele acrescentou que é de

conhecimento geral de quase todos em Sherborne que o mencionado Allen e seu empregado já citado são ateus. E ele também diz que há seção de sapateiros em Sherborne considerada ateísta.³⁹

O sapateiro, sob a forma do que o poeta Gray chamou de “Hampden de aldeia”, é celebrado numa gravura de Timothy Bennett (falecido em 1756) de Hampton-Wick, Middlesex. Ele desafiou a decisão real de fechamento de uma passagem pública através de Bushy Park, ameaçando instaurar um processo — e teve sucesso. A gravura o representa com “aspecto firme e complacente, sentado, em posição de conversa com (...) (Lord Halifax)” (o encarregado do parque real), simbolizando uma confrontação democrática com o privilégio, e a vitória sobre ele.⁴⁰ Uma outra fonte descreve o sapateiro caminhando “de uma aldeia para outra com suas ferramentas na cesta às costas. Ao conseguir um serviço, ele se instalaria no degrau da porta, e durante o trabalho ele e seu freguês entoariam uma canção, ou falariam de política”.⁴¹ A notoriedade dos sapateiros como líderes levou sir Robert Peel a perguntar a alguns sapateiros que a ele tinham recorrido para reforçar as exigências de sua associação pré-sindical: “Como pode ser... que vocês sejam os primeiros em todos os movimentos?... Sempre que há uma conspiração ou movimento político, eu sempre encontro um de vocês envolvido”.⁴² E. P. Thompson cita a descrição de um “Político de Aldeia”, feita em 1849 por um satirista de Yorkshire:

Ele é, em geral, um sapateiro, um velho e o sábio de sua aldeia industrial: “Ele tem uma biblioteca da qual se orgulha bastante. E uma coleção estranha. Possui *Pearl of Great Price* e *Cobbett’s Twopenny Trash* *The Wrongs of Labour* e *The Rights of Man*, *The History of the French Revolution* e *Holy War*, de Bunyan... Seu velho coração se aquece, como um litro de cerveja quente, quando ele ouve falar de uma revolução bem-sucedida — um trono derrubado, reis pelos ares, e príncipes espalhados aos sete ventos...”⁴³

E mais, os ingleses acreditavam que os sapateiros franceses apresentavam os mesmos traços. Mais de um relato da Revolução Francesa descreveu “sapateiros (...) perorando sob as cúpulas esplêndidas dos Capetos e dos Valois” e depois encabeçando as multidões para ~~torturar e assassinar o rei.~~⁴⁴ Na França, como na Inglaterra, o sapateiro era conhecido por seu amor à liberdade e seu papel como político de aldeia. Os sapateiros eram admirados pela “independência de suas opiniões”. “A liberdade do povo”, disse um escritor, “é expressa através de suas atitudes”.⁴⁵ A revolta dos Maillotins, em 1380, teria sido detonada por um sapateiro, cujo discurso apaixonado inflamou a multidão.⁴⁶ E a queda de Concini, o estadista italiano, em 1617, teria sido assegurada por um certo Picard, sapateiro e orador popular, que insultou o almirante em vida e o profanou após a morte, ao assar e comer seu coração.⁴⁷ A antropofagia não é uma característica normalmente associada aos sapateiros, em oposição à preferência por bebidas fortes, mas a reputação de radicalismo dos sapateiros foi merecida, e não limitada à França.

II

Até que ponto o sapateiro era, enquanto filósofo e político, um produto de seu ofício? Parece haver dois aspectos nesta pergunta, um ligado à instrução, o outro ligado à independência.

É difícil explicar a questão da instrução e da notória preferência dos sapateiros por livros e pela leitura, visto que não há nada na natureza do ofício que possa sugerir qualquer ligação ocupacional com a palavra impressa — como entre os tipógrafos. As suposições extremas de que sua habilidade com o couro os levasse a ser chamados para encadernar ou conservar livros, e de que ocasionalmente suas bancas fossem adjacentes às dos vendedores de livros, parecem não ter base em nenhuma comprovação real.⁴⁸ E mais, pelo que pudemos observar, não existe nada nos costumes e tradições dos

artífices do ofício que acentue ou mesmo que implique um interesse especial pela leitura; e embora Hans Sachs, de Nuremberg, fosse o mais famoso dos *Meistersinger*, como sabem todos os amantes da ópera, não há nenhuma evidência de que os sapateiros estivessem desproporcionalmente representados entre estes artífices poéticos. O laço entre os sapateiros e os livros não podia ter sido estabelecido antes da invenção e da popularização da imprensa, visto que até então os pobres praticamente não tinham acesso direto à palavra escrita. O caráter geral dos costumes dos artífices sapateiros sugere que estes costumes já se encontravam formados nesta época.⁴⁹ Naturalmente, pode argumentar-se que, com a disponibilidade de livros, estes obviamente viriam a atrair uma profissão cujos membros se inclinavam à especulação e à discussão. Contudo, a questão permanece em aberto.

Pode ser que a divisão de trabalho relativamente primitiva na confecção de calçados tenha permitido ou impellido grandes contingentes de sapateiros a trabalhar em completo isolamento. Mayhew sem dúvida conjecturou que era “o isolamento de seu trabalho, desenvolvendo seus recursos interiores”, que explicava o fato de eles constituírem “uma raça austera, intransigente e ponderada”.⁵⁰ Os sapateiros itinerantes eram, obviamente, trabalhadores isolados. Mas, mesmo em sua oficina, era típico o sapateiro solitário. Na Alemanha, em 1882, dois terços deles não empregavam nenhum tipo de auxiliar.

Entretanto, mesmo o sapateiro só não estava isolado culturalmente. Ele podia ser treinado em um pequeno estabelecimento. O mestre, uns poucos artífices assalariados, e um ou dois aprendizes, bem como a esposa do mestre, parecem ter constituído o estabelecimento típico ideal do ofício. Nas regiões mais tradicionais da Alemanha do século XIX havia em média somente 2,4 ou 2,6 artífices assalariados por aprendiz.⁵¹ A rápida rotatividade dos artífices, contudo, viria a ampliar os horizontes tanto dos mestres quanto dos aprendizes, e os artífices assalariados faziam viagens famosas

e prolongadas. Um sapateiro rural da Suábia descreve a impressão que os artífices assalariados lhe causaram quando aprendiz: “Entre os artífices assalariados havia muitos inteligentes e bem-viajados. E assim eu ouvi e aprendi muito”. E ele, por sua vez, trabalhou em dezessete estabelecimentos em quinze locais diferentes durante o período entre o final de sua aprendizagem e seu estabelecimento como pequeno mestre e ativista social-democrata.⁵² Se, como era o caso em Iena, os artífices permanecessem somente seis meses em média numa oficina, o aprendiz típico, no decorrer de três anos, teria contato próximo com talvez quinze homens viajados, e o artífice itinerante típico com muitos mais.

Os artífices se encontrariam não só nas oficinas, mas na estrada e nas estalagens que funcionavam como *houses of call*,* onde empregos e assistência, solicitados e recebidos de forma altamente ritualizada,⁵³ podiam ser encontrados. Não faltava ocasião para discutir os problemas do ofício, as notícias do dia, e para a difusão de informação em geral. Em cidades maiores, os sapateiros, como a maioria dos outros homens de ofício, podiam viver e trabalhar em ruas ou carreiras de casas exclusivamente de sapateiros. Nos centros de sapataria para os mercados, urbanos ou rurais, não havia falta de companheiros de ofício. Como o serviço ocupava pouco espaço, muitos dos que executavam serviços para terceiros e os mestres autônomos podiam dividir uma oficina entre si. Mesmo o sapateiro mais isolado teria provavelmente sido socializado na cultura do “nobre ofício” em alguma época de sua vida.

Aquela “cultura de sapateiro”, que Peter Burke recentemente descreveu como mais forte do que a cultura de qualquer outro ofício com exceção dos tecelões,⁵⁴ era extraordinariamente acentuada e persistente. Na Escócia, por exemplo, seu santo padroeiro sobreviveu à reforma calvinista sob a forma de *King Crispin*, e na Ingla-

*Locais onde trabalhadores fazem ponto e podem obter notícias de seus companheiros. [N. das T.]

terra o Dia de São Crispim era celebrado como um feriado dos sapateiros, frequentemente com procissões dos membros do ofício, até bem tarde no século XIX, ou foi revitalizada pelos artífices com objetivos políticos, como em Norwich em 1813. No final do século ainda era uma tradição viva e lembrada em áreas estritamente rurais. O declínio prematuro das guildas e corporações organizadas na Inglaterra torna mais impressionante esta permanência.⁵⁵

Contudo, nada nas tradições formais ou informais do ofício parece ligar os sapateiros especificamente ao intelectualismo, ou mesmo ao radicalismo. Essas tradições enfatizavam o orgulho pelo ofício, em grande parte baseado em sua indispensabilidade para os ricos e pobres, jovens e velhos. Este é o tema mais comum das canções dos sapateiros-artífices.⁵⁶ Elas acentuavam a independência, especialmente a independência do artífice assalariado, conforme pode ser comprovado pelo controle por parte do sapateiro sobre seu tempo de trabalho e de lazer — sua possibilidade de desfrutar o *Saint Monday** e outros feriados como lhe aprouvesse.⁵⁷ Como o lazer social e a bebida eram inseparáveis, as canções também ressaltavam a bebida, uma atividade pela qual os sapateiros se celebrizaram, e aquele outro subproduto da cultura de bar: resolver as disputas na briga. “Procure a melhor cerveja onde bebam os carroceiros e os sapateiros”, diz um provérbio polonês. A farsa de Johann Nestroy, *Lumpazivagabundus* (1836), que acompanha as peripécias de três artífices típicos ideais, apresenta seu sapateiro tanto como astrônomo amador (cujo interesse por cometas pode ter sido inspirado pela leitura de almanaques), quanto como um bêbado escandaloso e brigão. Mas estas associações não têm caráter particularmente intelectual.

Talvez a explicação mais plausível do intelectualismo do ofício derive do fato de o serviço de sapateiro ser sedentário e pouco exigente do ponto de vista físico. Talvez fosse o trabalho masculino

*O costume de não trabalhar nas segundas-feiras. [N. das T.]

que, no campo, menos sobrecarregasse fisicamente. Consequentemente, rapazes pequenos, fracos ou com alguma deficiência física eram habitualmente destinados a este ofício. Foi este o caso de Jakob Boehme, o místico;⁵⁸ de Robert Bloomfield, autor de *The Farmer's Boy*,⁵⁹ de William Gifford, mais tarde editor do *Quarterly Review*, que foi "posto a trabalhar com o arado", mas "logo descobriu-se que era fraco demais para trabalho tão pesado"; de John Pounds, pioneiro das *Ragged Schools** que se tornou sapateiro após um acidente que o mutilou e o excluiu de seu ofício original como mestre de estaleiro;⁶⁰ de John Lobb, fundador de uma firma famosa em St. James's que ainda existe,⁶¹ e quase com certeza de um grande número de outros. Em Loitz, na Pomerânia, "quase as únicas pessoas que se dedicam a este ofício são aleijadas, ou inadequadas ao trabalho agrícola ou industrial". Daí a tendência dos sapateiros de aldeia, impossibilitados de manter-se com os ganhos de seu ofício, a assumir (como na cidade de Heide, Schleswig) empregos secundários como vigias noturnos, zeladores de escolas, mensageiros, garçons, arautos da cidade, assistentes do pastor, ou auxiliares de carteiro e varredores de rua.⁶² A regulamentação para o recrutamento naval norte-americano em 1813 insistia no recrutamento "somente de homens fortes, saudáveis e capazes. Os homens de terra podem ser inscritos como marujos comuns (...) mas sob nenhum pretexto podem ser aceitos alfaiates, sapateiros ou negros (*sic*), pois estes, devido a suas ocupações costumeiras, raramente possuem força física".⁶³

A quantidade de sapateiros e alfaiates deformados ("recurvados, cercundas, mancos") nos cortejos profissionais destes ofícios na Itália foi observada por Ramazzini.⁶⁴ Ao contrário dos alfaiates, entretanto, os sapateiros não eram notoriamente associados à fragilidade física, uma observação que pode ser corroborada pelas estatísticas do século XIX sobre a mortalidade britânica segundo a

*Instituições para instrução, abrigo e auxílio aos pobres e aos órfãos através da caridade pública. [N. das T.]

ocupação.⁶⁵ Por outro lado, o sapateiro *manco* aparece registrado já pelo dramaturgo latino Plauto. Talvez fosse pertinente a este tema a frequência de ocorrência de sapateiros rurais que combinavam seu ofício com atividades agrícolas. No entanto, o ofício era, pelo menos até certo ponto, escolhido por rapazes incapazes de competir com outros trabalhadores agrícolas de sua idade nas atividades físicas convencionalmente valorizadas. Este fato pode ter fornecido um incentivo para a aquisição de outros tipos de prestígio. E neste ponto a natureza semirrotineira de grande parte de seu trabalho, que podia facilmente ser associada ao pensamento, à observação e à conversa, pode ter sugerido alternativas intelectuais. Os sapateiros, ao trabalharem em conjunto em oficinas maiores, estavam entre os ofícios (os alfaiates e os charuteiros são outros exemplos) que desenvolveram a instituição do “leitor” — um deles, em rodízio, lia jornais ou livros em voz alta, ou um velho soldado era contratado para ler, ou o garoto mais jovem, que tinha a obrigação de ir buscar o jornal, o lia (George Bloomfield, um sapateiro e poeta menor, sugeriu, não sem razão, que este era o ponto no qual “aqueles que dizem que ‘Os sapateiros são políticos’ poderiam encontrar a solução para seu espanto”).⁶⁶ Nas cidades existiam outras ocupações tranquilas e pouco exigentes, mas nas aldeias é difícil pensar em outras — sem dúvida nem os ferreiros nem os fabricantes de rodas.⁶⁷

O trabalho do sapateiro, portanto, permitia o pensamento e a discussão durante sua execução; seu frequente isolamento durante as horas de trabalho faziam-no recorrer a seus próprios recursos intelectuais; ele era recrutado seletivamente dentre rapazes como um incentivo provável a compensar suas deficiências físicas; o treinamento de aprendizes e os artífices itinerantes o expunham à cultura do ofício e à cultura e à política de um universo mais amplo. Podemos talvez acrescentar que a leveza de sua caixa de ferramentas na verdade tornava mais fácil que ele carregasse livros consigo do que no caso de outros ofícios — um fato para o qual também existe

alguma comprovação. Se tudo isto chega a fornecer uma explicação adequada, ou ao menos uma explicação verificável, não podemos ter certeza. Entretanto, três fatos estão claros.

Primeiro, os sapateiros de ofício mais letrados, como examinaremos em breve, se distinguiam pelo fato de se distribuírem por ambientes predominantemente incultos em áreas rurais e em pequenas cidades, onde eles podiam tornar-se auxiliares administrativos não oficiais, ou intelectuais dos trabalhadores. Eles sofriam pouca concorrência. Em segundo lugar, uma vez que a imagem popular do sapateiro como intelectual e radical existia (como era inegável), ela deve ter afetado a realidade de diversas formas. Cada vez que um sapateiro se ajustasse ao papel, ele confirmava a expectativa popular. Consequentemente, o comportamento dos sapateiros neste papel era provavelmente observado, registrado e comentado com maior frequência. A imagem popular pode ter atraído jovens com preferências literárias ou filosóficas e interesses políticos; ou inversamente, os rapazes, tendo entrado em contato com sapateiros filósofos e radicais, podiam adquirir um certo interesse por estes assuntos. Finalmente, a cultura do ofício podia desenvolver alguns destes traços entre os profissionais que o exerciam não só porque as condições materiais os propiciassem, mas porque os costumes do ofício não os impediam. Em muitas ocupações, um "leitor" acabaria perdendo esta preferência devido a chacotas ou a críticas. Entre os sapateiros, elas seriam aceitas com maior facilidade como uma versão de comportamento compatível com as normas do grupo.

A independência do sapateiro estava nitidamente ligada às condições materiais de seu ofício, e dela originou-se sua capacidade de tornar-se um político de aldeia. Além disso, a condição social humilde do ofício e a pobreza relativa de seus integrantes, pelo menos no século XIX, ajudam a explicar seu radicalismo.

As duas características estão entrelaçadas. O ofício baseava-se essencialmente no couro, cuja preparação (esfolar, limpar, curtir etc.)

é barulhenta e suja, e portanto com frequência restrita pessoas de baixa condição social ou a párias (como na Índia e no Japão). Em suas origens, os sapateiros e os curtidores estavam intimamente ligados, pois os sapateiros com frequência curtiam seu próprio couro, como ainda o faziam até meados do século XIX na comunidade sapateira de Loitz, na Pomerânia.⁶⁸ Em Leipzig, os curtidores e os sapateiros originalmente formaram a mesma guilda.⁶⁹ O baixo *status* dos sapateiros e o desprezo a eles dirigido na Antiguidade — ao menos pelos escritores⁷⁰ — podem ser parcialmente devidos à associação com “sujeira” ou com a lembrança dela. Por outro lado, não é absurdo supor que o ofício (que enfatiza sua indispensabilidade e sua nobreza) se inclinasse ao radicalismo por ressentimento. Sem dúvida um elemento de *status* baixo parece ter persistido, possivelmente também influenciado pela reputação de desleixo físico do sapateiro, possivelmente como razão para esta reputação. Mesmo no final do século XIX, um autor pôde escrever sobre o ofício em sua forma tradicional (anterior à fábrica): “Como classe... os sapateiros comuns não eram nem limpos nem arrumados quanto a suas pessoas e seus hábitos, e esta vocação era desprezada como sendo de um baixo nível social; um emprego adequado para colocar como aprendizes os jovens internos de casas de trabalho.”⁷¹

Além do mais, como os custos de aprendizado eram mínimos, as famílias que não podiam sustentar o aprendizado de seus filhos em ofício mais próspero e mais exclusivo (e mais caro) podiam dar um jeito de arrumar a quantia necessária para que ele aprendesse o ofício de sapateiro. De fato, a associação do ofício com a pobreza também era proverbial.⁷² “Todos os sapateiros andam descalços”, diz um provérbio iídiche. “O sapateiro sempre usa sapatos estragados.” Uma mistura de sobras de comida era conhecida, na região de Hamburgo, como “torta de sapateiro”.⁷³

A coexistência de independência e pobreza no ofício é parcialmente devida a sua específica onipresença. Ele se organizou bastante cedo tanto na cidade quanto no campo, pelo menos nas zo-

nas temperadas, onde vinha de longa data o reconhecimento de que “não há nada como o couro” para calçados resistentes para trabalho ao ar livre. Os sapateiros, eles próprios frequentemente de origem humilde, serviam a uma clientela que incluía grande quantidade de pessoas humildes. A fabricação e o conserto de calçados de couro exigem especialistas de alguma espécie, ao contrário de um bom número de outras atividades de fabricação e conserto. No final do século XIX ainda havia sapateiros que se especializavam em percorrer as fazendas nos Alpes austríacos (*Störschuster*) para fazer e consertar os calçados do ano inteiro usando as peles e couros fornecidos pelos fazendeiros.⁷⁴ Os sapateiros que faziam sapatos bem como os remendões tinham, portanto, não somente um ofício organizado já em data extraordinariamente remota (eles estão entre as primeiras guildas de ofício documentadas tanto na Inglaterra quanto na Alemanha),⁷⁵ mas também um dos ofícios mais numerosos e mais amplamente distribuídos no campo e na cidade. Na Sevilha do século XVIII, como na Valparaíso do século XIX, eles excediam em número a todos os outros ofícios.⁷⁶ Isto também ocorria na Prússia em 1800 (seguidos pelos alfaiates e ferreiros). Na Baviera, em 1771, eles eram somente ultrapassados em quantidade pelos tecelões, mas nas aldeias mercantis eles eram os primeiros, seguidos dos cervejeiros e dos tecelões.⁷⁷ Na Frísia rural, em 1749, havia 5,79 sapateiros por mil habitantes, em comparação com 4,53 tecelões, 4,48 carpinteiros, 3,70 padeiros, 2,08 ferreiros, 1,76 religioso, 1,51 estalajadeiro e 1,45 alfaiate; dentre todos os povoados, encontravam-se sapateiros em 54%, carpinteiros em 52%, ferreiros em 40% e estalajadeiros em 32%.⁷⁸ Parece claro que as pessoas encontravam maior dificuldade em se arranjar sem sapateiros especializados a distância conveniente do que sem outros tipos de artífices ou serviços especializados.

O ofício do sapateiro, embora se aplicasse a uma larga extensão de habilidade técnica e especialização, manteve-se suficientemente primitivo quanto à tecnologia e à divisão do trabalho, e com um

produto suficientemente homogêneo, para continuar em essência como um ofício único. Não é possível traçar nenhum paralelo entre ele e a fragmentação crescente do setor metalúrgico em ofícios especializados isolados, que se encontra com tanta frequência na economia medieval de guildas. Generalizando, assim que o ofício se separou dos curtidores, vendedores de couro e outros produtores e fornecedores de matéria-prima, suas principais fissuras internas passaram a ser comerciais — entre sapateiros e vendedores de sapatos (estes podendo ou não também fabricar sapatos). Havia também uma divisão entre os que faziam e os que simplesmente consertavam sapatos, divisão definida de diversas formas — em inglês, *cordwainers* (sapateiro que fabrica sapatos) e *cobblers* (sapateiro remendão) (*savatiers*, *Flickschuster*, *ciabattino*), embora deva ser observado que os comerciantes se desenvolveram essencialmente a partir dos fabricantes. A separação entre os fabricantes e os remendões foi por vezes institucionalizada em guildas separadas, embora as guildas dos remendões tivessem dificuldades para se emancipar completamente do controle dos fabricantes, ou mesmo para permanecer viáveis por si.

O conserto era nitidamente o ramo inferior do ofício, e o termo *cobbling* (em inglês) é usado para designar qualquer serviço de baixa qualidade. Entretanto, a linha divisória entre os dois ramos era imprecisa, e tinha de ser, especialmente em épocas ou regiões (como na Alemanha no século XVIII) em que a procura razoavelmente estática defrontou-se com a oferta crescente nas cidades.⁷⁹ Viver somente de fazer calçados era praticamente impossível para mais do que uns poucos. Na verdade, subentendia-se que os fabricantes consertassem. Desta forma, para atingir uma renda “decente” (91 florins por ano), alegava-se, sem dúvida retoricamente, que um mestre “teria de produzir um par de sapatos novos ou três pares de solas ou consertos por dia, e além disso confiar em que os fregueses pagassem”. Não é, portanto, surpreendente que nos séculos XVIII e XIX os termos pareçam ter-se tornado intercambiáveis em inglês,⁸⁰ enquanto

em francês a palavra *cordonnier* veio a significar tanto o fabricante quanto o remendão, como o fez a palavra *Schuster* em alemão popular, apesar da tendência do termo mais elitista *Schuhmacher* ganhar terreno à custa do termo mais popular.⁸¹ E, na verdade, fora das cidades firmemente controladas por guildas, que estavam se tornando mais fracas, como era possível manter a fabricação e o conserto estritamente separados?

A procura muito difundida por sapateiros especializados (fabricantes e remendões) impossibilitou o monopólio do ofício nas cidades organizadas. O conserto de sapatos na aldeia dificilmente poderia ser proibido, e embora este tipo de conserto rural fosse (sem dúvida inevitavelmente) isento dos controles e qualificações das guildas, quase sempre tinha de ser aprendido de algum tipo de sapateiro. Não havia maneira de evitar que o remendão do lugar-jo também suprisse a procura localizada de sapatos, especialmente os do tipo grosseiro para o trabalho, até a ascensão da produção e distribuição em grande escala. Assim, artífices com poucas chances de se tornarem mestres no ofício controlado da cidade podiam escolher instalar-se independentemente em alguma aldeia ou cidadezinha no campo. Na realidade, foi observada uma tendência crescente por esta opção na Alemanha ainda no século XIX. Quando, em 1840, foi finalmente extinta a proibição a sapateiros rurais (em oposição aos remendões) no interior da Saxônia, sendo permitido daí em diante um único mestre por aldeia (sem aprendizes), um número considerável de sapateiros rurais imediatamente surgiu.⁸² É bastante razoável imaginar que muitos deles simplesmente mudaram seu título oficial.

Por outro lado, se não havia nenhuma linha nítida distinguindo o sapateiro melhor e mais especializado do remendão mais modesto, as enormes dimensões do ofício sugerem que geralmente ele deve ter incluído uma seção extraordinariamente grande de figuras marginais, que não podiam viver somente de seu ofício, especialmente porque o conserto de sapatos — atividade da qual os remendões de

aldeia na Alemanha podiam talvez obter metade de sua renda — era notoriamente mal pago. É difícil encontrar dados anteriores à era industrial, mas um cálculo de uma aldeia na Suábia no século XIX sugere que, devido à procura insuficiente, um sapateiro ali, em média, não poderia ter feito mais do que sete pares de calçados em um ano,⁸³ de forma que para a maior parte deles o ofício não passava de uma fonte de ganhos suplementares, possivelmente já adotado por esta razão. A reputação de pobreza do ofício tinha, portanto, uma base sólida, embora as razões para sua superlotação não estejam totalmente claras. Talvez isto se deva parcialmente ao baixo custo do equipamento básico e à possibilidade de exercer a atividade em casa; talvez também à possibilidade de recrutamento externo, fora das fileiras de artífices profissionais e de suas famílias. Os tipógrafos e os vidraceiros restringiam o acesso ao ofício a seus filhos, parentes e uns poucos privilegiados de fora; os sapateiros raramente podiam fazer o mesmo.* Como consequência, os sapateiros não controlavam nem o acesso nem o número de integrantes de seu ofício, daí sua superlotação.

O ofício era, portanto, muito pouco homogêneo. Contudo, na medida em que permanecesse um ofício artesanal de caráter essencialmente manual — e até a década de 1850 nem mesmo a máquina de costurar doméstica havia sido admitida a ele —, suas divisões internas eram vagas e instáveis. Por esta razão, embora existissem “aristocratas” ou setores favorecidos entre os sapateiros, como havia entre os alfaiates (por exemplo, na elite das encomendas sob medida das cidades), nenhum dos dois ofícios como um todo tinha posição alta na hierarquia social, como observou o artesão comunista Wilhelm Weitling.⁸⁴ Pois ambos, e especialmente os sapateiros, eram extraordinariamente numerosos, e portanto continham uma proporção extraordinariamente alta de elementos menos fa-

*Estamos informados, no entanto, de que a continuidade hereditária entre os sapateiros londrinos era extraordinariamente alta.

vorecidos e marginalizados. Dentre as centenas de artífices assalariados que se dirigiram em bloco para Wiener Neustadt (Viena), em processo de industrialização na década de 1840, e solicitaram permissão para ali permanecer, nada menos que 14,7% (17% dentre os provenientes da Boêmia) eram sapateiros, seguidos a alguma distância pelos 10% (14,6% entre os boêmios) de alfaiates e 8,3% de marceneiros (9,1% entre os boêmios).⁸⁵

O sapateiro de aldeia era autônomo. Sua atividade exigia pouco capital. O equipamento era barato, leve e portátil, e ele somente necessitava de um telhado sobre a cabeça para trabalhar e viver, no pior dos casos no mesmo cômodo. Embora este fato lhe proporcionasse mobilidade incomum, ele não o distinguia de uma série de outros ofícios. O que realmente o distinguia era seu contato com grandes quantidades de pessoas humildes e sua independência com relação a seus protetores, clientes abastados e empregadores. Os lavradores dependiam dos senhores de terra; os fabricantes de rodas e os construtores contavam com encomendas dos lavradores e de pessoas de boa situação: os alfaiates serviam aos ricos, pois os pobres faziam sua própria roupa. O sapateiro também servia aos ricos, porque eles precisavam dele, mas sua freguesia principal, na maioria dos casos, devia estar entre os pobres, pois estes também não podiam passar sem ele. Este fato é inegável, mesmo que saibamos menos do que poderíamos a respeito do verdadeiro uso de calçados de couro entre os pobres, que naturalmente devia ser mais restrito do que em nossa época mais próspera.* Na realidade, existe evidência de que, à medida que os aldeões mais ricos ao final do século XIX passaram a comprar sapatos fabricados em outro lugar, vendidos em lojas, quando não passavam a comprar sapatos sob medida de primeira qualidade, o sapateiro da aldeia ficou cada vez mais de-

*É necessário maior pesquisa, especialmente sobre a difusão da prática de andar descalço (muito comum entre mulheres e crianças) e sobre o uso de calçados alternativos — tamanhos, botas e sapatos de feltro ou fibra vegetal e similares.

pendente das compras dos que precisavam de calçados fortes para o trabalho ao ar livre.

Ele podia, portanto, expressar suas opiniões sem correr o risco de perder seu emprego ou seus fregueses — se fosse realmente bom, nem mesmo seus clientes respeitáveis.⁸⁶ E mais, ele estava intimamente ligado a seus clientes por laços de confiança. Em parte porque provavelmente tinham algum débito pendente com ele, pois os empregados rurais, e talvez os camponeses, apenas podiam quitar seus débitos após longos intervalos, quando recebessem quantias brutas, por exemplo, após a colheita (o dia de pagamento na Pomerânia era o dia de São Crispim, 25 de outubro)* ou entre a Páscoa e Pentecostes, quando eram renovados os contratos de trabalho anuais. Ele tinha de confiar em seus clientes, mas eles não tinham razão para desconfiar dele. Ao contrário de tantos outros que tinham contato com os pobres — o moleiro, o padeiro, mesmo o taberneiro, que podiam roubar no peso ou na medida —, o sapateiro produzia sapatos novos ou consertados que podiam ser facilmente julgados no ato da entrega, e as variações na qualidade provavelmente refletiam não o desejo de enganar, e sim variações na habilidade técnica.⁸⁷ O sapateiro tinha, por conseguinte, liberdade de exprimir suas opiniões, das quais não havia razão para desconfiar.

Não deveria causar surpresa o fato destas opiniões serem heterodoxas e democráticas. A vida do sapateiro da aldeia tinha afinidade com a vida dos pobres, e não com a dos ricos e poderosos. Ele via pouca utilidade na hierarquia e na organização formal. O pouco que havia em seu ofício já era suficiente, e em muitos casos ele encontrava serviços fora dos regulamentos da guilda ou do ofício, e apesar deles. Conhecia o valor da independência e tinha ampla oportunidade de comparar sua relativa autonomia com a de seus clientes. Por ser difícil ou impossível compilar uma amostra

*Existiria uma conexão entre este ritmo agrícola e o dia de São Crispim, 25 de outubro.

gem representativa dos radicais no ofício, não se pode determinar até que ponto esta capacidade de expressar pontos de vista independentes estava confinada à minoria de artífices relativamente bem-sucedidos, e não disseminada entre a maioria (presumível) de sapateiros remendões marginais, de trabalho avulso. A pergunta permanece sem resposta. Entretanto, no contexto específico do final do século XVIII e início do século XIX, é natural encontrar sapateiros radicais lendo Cobbett, que clamava contra a eliminação de todos os pequenos artífices e que denunciava um sistema que substituiu “senhores e homens (...) cada um em seu lugar e todos livres” por “senhores e escravos”.⁸⁸ Nem é surpreendente encontrá-los nas fileiras dos *sans-culottes* e mais tarde nas dos anarquistas. Em todas as circunstâncias, a insistência sobre meios modestos, trabalho duro e independência como soluções para os problemas da injustiça e da pobreza estava dentro da experiência dos sapateiros de aldeia.

Grande parte desta argumentação poderia também aplicar-se a outros artífices de aldeia. Mas enquanto, por exemplo, a oficina do ferreiro era barulhenta e seu trabalho dificultava a possibilidade de conversa, o sapateiro estava estrategicamente bem instalado para fazer passar as ideias da cidade e para mobilizar a ação. Sua oficina de aldeia fornecia um cenário ideal para esta finalidade, e homens eloquentes que trabalhavam só a maior parte do tempo, quando tinham com quem conversar, podiam se tornar extremamente falantes, mesmo durante o trabalho. O sapateiro rural estava sempre presente, de olhos na rua, e ele sabia o que estava acontecendo na comunidade, mesmo quando não acontecia de também ter a função de auxiliar administrativo da paróquia ou alguma outra posição municipal ou comunitária. Além disso, suas tranquilas oficinas nas aldeias e nas pequenas cidades eram centros sociais, perdendo apenas para a taberna, mas abertos e preparados para o convívio durante todo o dia. Não surpreende que no interior da França em 1793-1794 os sapateiros, juntamente com os taberneiros, “pareçam

ter tido uma verdadeira vocação para a revolução”. Richard Cobb ressalta que:

o papel dos sapateiros, aqueles revolucionários de aldeia, que se instalaram como prefeitos após o surto revolucionário do verão de 1793, ou que presidiam os comitês de vigilância, encabeçaram as minorias de *sans-culottes contra les gros* (...). Nas listas de “terroristas a serem desarmados” que foram elaboradas no ano III no campo, eles formavam a maioria. Apresenta-se aí um inegável fenômeno social.⁸⁹

Naturalmente a oficina do sapateiro e a taberna, enquanto locais de reunião, diferiam em um aspecto importante. Para beber, os homens se reuniam em grupos, mas nas oficinas de sapateiros chegavam individualmente ou aos pares. As tabernas eram domínio exclusivo dos homens adultos, mas com o intelectual da aldeia tinham contato as mulheres, ou, mais provavelmente, as crianças. Em que quantidade de aldeias e pequenas cidades o sapateiro não exerceu o papel de educador! Assim, o *Every-Day Book* de Hone relembra, “um velho honesto que remendava meus sapatos e minha mente, quando eu era menino (...) meu amigo o sapateiro, que, embora não fosse nenhum metafísico, inclinava-se a ruminar sobre a ‘causação’”. Ele emprestava ao menino livros “que guardava na gaveta de seu banco, junto (...) aos instrumentos de seu ‘Nobre Ofício’”.⁹⁰ E ainda na década de 40 um futuro ilustre historiador do movimento operário de formação marxista foi apresentado à política em suas conversas de menino numa oficina de sapateiro de uma pequena cidade em sua Romênia natal.⁹¹

O sapateiro era, portanto, uma figura-chave na vida rural intelectual e política: instruído, eloquente, relativamente bem-informado independente do ponto de vista intelectual e, por vezes, do econômico, pelo menos dentro de sua comunidade aldeã. Ele estava constantemente presente nos locais em que era de se esperar que

ocorresse mobilização popular: nas ruas das aldeias, nos mercados, feiras e festividades. Não está esclarecido se esta é uma explicação suficiente para seu papel frequentemente reconhecido como líder de massas. Sob tais condições, entretanto, mal ficamos surpresos em ocasionalmente encontrá-lo cumprindo este papel.

III

Entre os historiadores sociais, a reputação dos sapateiros como radicais é associada principalmente ao final do século XVIII e início do século XIX, o período de transição para o industrialismo. Não nos é possível medir se houve ou não um aumento no número de sapateiros militantes, mas parece-nos provável que dois desdobramentos estimularam a intensificação do radicalismo. O primeiro originou-se do lento declínio do ofício de sapateiro como ocupação essencialmente artesanal e de um consequente período de tensão exacerbada interna à profissão. Os problemas específicos variavam de um local para outro (as relações entre mestres e artífices assalariados eram diferentes em Northampton e em Londres), mas é inegável que o ofício como um todo era politizado. Assim, um jovem artífice tinha experiências de greves e participava em discussões sobre sistemas econômicos e políticos alternativos, à medida que adquiria conhecimento técnico. Aqueles que acabavam se instalando em oficinas em aldeias pequenas sabiam o que era jacobinismo e veiculavam as ideias radicais das grandes cidades para as pequenas. O segundo desdobramento ligava-se ao descontentamento crescente das populações aldeãs à medida que enfrentavam as consequências do crescimento do capitalismo agrícola. Os aldeões tornavam-se cada vez mais receptivos a formulações ideológicas para suas queixas, o que os sapateiros estavam em condições de fornecer. A combinação das circunstâncias da aldeia com as do ofício facilmente transformou

o filósofo da aldeia em seu político, como sem a menor dúvida ocorreu durante as revoltas Swing.

Que mudanças afetaram o ofício do sapateiro durante o período que se estendeu aproximadamente de 1770 a 1880?

O primeiro ponto a lembrar é simplesmente a quantidade de integrantes do ofício que, até que a mecanização e a produção fabril o transformassem, crescia acompanhando a urbanização e a população. O número de trabalhadores no ofício de sapateiro em Viena (onde o número de fábricas era mínimo) mais do que triplicou entre 1855 e 1890, sendo que a maior parte deste incremento ocorreu antes dos primeiros anos da década de 1870.⁹² Na Grã-Bretanha, o número de homens adultos no ofício aumentou de 133 mil para 243 mil entre 1841 e 1851, quando havia mais sapateiros no país do que mineiros.⁹³ Entre 1835 e 1850 uma média anual de entre 250 e 400 sapateiros entrou em Leipzig e, como a cidade estava em crescimento, uma quantidade pouco menor saiu a cada ano. Durante este período de quinze anos, houve no mínimo 3.750 chegadas e 3 mil partidas.⁹⁴

O segundo ponto a observar é a disseminação da fabricação para o mercado em oposição à fabricação para clientes individuais e o onipresente serviço de conserto. O "sapateiro do mercado", produzindo calçados grosseiros para venda nos mercados locais e regionais, podia em muitos lugares ainda manter uma relação tão próxima a seus clientes quanto a do sapateiro que trabalhava com encomendas sob medida, pois ele podia ser regularmente encontrado em sua banca nos dias de feira por homens e mulheres que ele conhecia bem e que o conheciam. Sua relação com os clientes era provavelmente mais próxima do que a do seu rival cada vez mais ameaçador, o sapateiro-ambulante, que ia de casa em casa.⁹⁵ No entanto, estas duas formas de organização se prestavam a diversas espécies de sistemas de subcontrato — daí o desenvolvimento de comunidades de sapateiros tanto rurais quanto urbanas, que podiam abranger desde aglomerações de oficinas

tradicionais com mínima divisão do trabalho dentro da oficina, até centros maiores que eram na realidade fábricas não mecanizadas funcionando com operários confinados a processos especiais complementados por trabalhadores externos urbanos ou de aldeia, com sua própria subdivisão do trabalho.⁹⁶ Aqui podia ser contratada produção em larga escala para o exército e a marinha ou para exportação. É possível que muitos desses trabalhadores manuais semiespecializados chegassem ao ofício sem o treinamento e sem a socialização típicos, especialmente quando provenientes da agricultura.⁹⁷ Pode também ter ocorrido neste período o recrutamento de aprendizes especialmente entre os pobres do meio rural. Na Europa, entretanto, o núcleo de sapateiros formados por aprendizado, em torno do qual esta força de trabalho semiespecializada se desenvolveu, era significativo. O mesmo é sugerido até para operários fabris, no manual de fabricação de calçados de J. B. Leno (um radical). E, na verdade, em Erfurt, um dos principais centros alemães de produção fabril mecanizada, um terço de uma amostragem de 193 trabalhadores tinha aprendido o ofício, e a metade deles consistia em filhos de sapateiros.⁹⁸ Isto não é surpreendente, uma vez que, fora dos Estados Unidos e, pouco mais tarde, da Grã-Bretanha, nenhuma inovação técnica significativa, com exceção da pequena máquina de costura (que se disseminou entre meados da década de 1850 e início da década de 1870), ocorreu até o final do século XIX.⁹⁹

O terceiro ponto é que a pressão dos números e a proliferação da manufatura subcontratada (à qual os artífices respeitáveis se referiam como trabalho “vil” ou “de lixo”) solapavam a independência do ofício e também rebaixavam os preços. Uma investigação sobre o emprego em Marselha na década de 1840 revelou que os sapateiros eram não só o maior grupo ocupacional, mas também notoriamente mal pago. Eles ganhavam por dia uma média de apenas três francos, e uma média anual de seiscentos francos, o que os situava em posição inferior quanto a salários em relação a muitos trabalha-

dores não qualificados. O trabalhador-poeta Charles Poncy protestou em 1850 a São Crispim:

A fome nos atrela a sua negra carroça: nossos ganhos são tão reduzidos. Trabalhamos até altas horas da noite por pão e farrapos. Meus filhos, amontoados a ~~esmo em lençóis velhíssimos~~, exauriram o seio esquelético da mãe. Comemos a semente do cereal que deveria vir a produzir o alimento para os mais novos.¹⁰⁰

O sapateiro inglês John Brant atribuía sua participação na conspiração do Cato Street a baixos salários e à conseqüente perda de independência. Sua declaração sugere que ele tentou atingir de volta os que estavam no poder, afirmando sua capacidade de pensar e agir com independência:

Por seu esforço, ele tinha sido capaz de ganhar por volta de £3 ou £4 por semana, e, enquanto esses ganhos foram possíveis, ele nunca se envolveu com a política; mas quando percebeu sua renda mensal reduzida a 10s, começou a olhar a sua volta (...). E o que ele viu? Ora, homens no poder, que se reuniam para deliberar como poderiam esfaimar e saquear o país (...). Ele se uniu à conspiração pelo bem público.³⁰¹

A disseminação da manufatura para um mercado remoto, em lugar de para clientes conhecidos, afetou o ofício de formas diferentes. Num extremo, ela poderia, pelo menos temporariamente, conduzir a uma reafirmação dos valores e reivindicações do ofício como tal. Compartilhados por mestres e artífices assalariados, contra o trabalho desleixado ou "vil" ao nível local ou em centros manufatureiros em grande escala, como Northampton. No outro extremo, os artífices remunerados ou os pequenos mestres proletarizados, que perceberam que tinham se transformado em assalariados permanentes, poderiam procurar o caminho da sindi-

calização e o conflito com os empregadores, o que afixava o gume do radicalismo dos sapateiros. Desta forma, o sapateiro parisiense “Efrahem” falou do dia em que “tendo sido dado o sinal, todos os trabalhadores abandonarão simultaneamente suas oficinas e deixarão o trabalho com o propósito de obter um aumento na lista de preços que exigiram de seus patrões”.¹⁰² Como observado anteriormente, os sapateiros rapidamente aderiram à formação de sindicatos militantes. Pelo menos na Grã-Bretanha, as raízes do movimento sindical eram profundas. James Hawker, que ocupa um modesto lugar na história como aldeão radical e ladrão de caça, brilhante e consciente do ponto de vista político, no Leicestershire, era filho de um alfaiate pobre, que fez o aprendizado no ofício de sapateiro em Northampton. Fora do período em que se alistou e depois desertou do exército, circulou por todos os empregos que podia na região leste dos condados centrais. No entanto, ele se afiliava a um sindicato, sempre que existisse um: “Eu corria para casa o mais rápido que podia e buscava meu Cartão de Viajante. Pois nesta época eu era sindicalizado — quase antes de saber o que isto significava (...). Não fosse eu sindicalizado, poderia ter sido forçado a mendigar ou a roubar.”¹⁰³

A linha divisória entre o trabalho como ofício e o trabalho assalariado, entre a militância econômica e a política, era até então suficientemente vaga para desencorajar um excesso de classificação. Somente após 1874 os sapateiros tradicionais e os operários fabris divergiram o bastante para que os últimos formassem uma dissidência que se separou da Associação Unida dos Mestres Sapateiros, dando origem ao Sindicato Nacional dos Montadores e Arrematadores de Botas e Sapatos — o futuro Sindicato Nacional dos Artífices de Botas e Sapatos. O sindicato de 1820 contribuiu para a causa dos réus na conspiração de Cato Street. E os sindicatos nos centros manufatureiros e nos de subcontratação valiam-se da velha tradição do ofício em seus protestos. Em Nantwich, Cheshire, por

exemplo, um forte sindicato deste tipo celebrou o Dia de São Crispim em 1833 com:

um grande cortejo — o Rei Crispim montado a cavalo em paramentos reais (...) acompanhado de pajens que seguravam a borda de seu manto, trajados caracteristicamente. Os oficiais portavam vestimentas adequadas a seu nível, e carregavam a Licença, a Bíblia, um grande par de globos, e também belos exemplares de sapatos e botas de luxo (...). Aproximadamente quinhentos seguiam a procissão, cada um usando um avental branco caprichosamente decorado. O cortejo era encerrado por um companheiro de oficina vestido à maneira do artífice itinerante, com seu estojo de ferramentas às costas e cajado na mão.¹⁰⁴

O estandarte do sindicato, “emblema de nosso ofício, com o lema ‘Que os produtos dos filhos de Crispim sejam pisados por todo o mundo’ (...)” foi muito admirado.¹⁰⁵ Um cortejo de guilda não teria sido muito diferente.

Entretanto, os caminhos que levaram a nossos radicais de aldeia no final do século XVIII e no início do século XIX têm sua origem mais frequente a partir de contextos como Londres, onde mestres e artífices remunerados compartilhavam posições jacobinas como aquelas organizadas pela *London Corresponding Society* e pelos membros da conspiração de Cato Street, ou de Paris, onde os sapateiros estavam entre os seguidores mais numerosos de Étienne Cabet. O sapateiro de aldeia participava, em conjunto com os respeitáveis sapateiros urbanos, da causa do pequeno artífice independente. Na defesa desta causa eles proferiam uma crítica da economia e do governo que podia realçar os problemas de outros trabalhadores e impeli-los à ação. O apelo à ação baseava-se na hipótese de que homens como eles mesmos eram capazes de agir; na verdade este apelo supunha que pequenos grupos de “cidadãos” inteligentes podiam agir no sentido de corrigir a injustiça de forma independente

— sem a liderança de homens mais instruídos ou sem o apoio de organizações formais centralizadas.

Não obstante, se mudanças no próprio ofício intensificavam a conscientização de seus membros quanto às injustiças da sociedade, não podemos simplesmente afirmar que o radicalismo dos sapateiros surgiu no final do século XVIII como resposta ao início do capitalismo industrial. Como tentamos demonstrar, o sapateiro enquanto filósofo heterodoxo e intelectual do homem trabalhador, enquanto porta-voz do povo, enquanto militante em seu ofício, é muito anterior à Revolução Industrial — pelo menos se a argumentação deste ensaio for aceita. O que os primeiros estágios da industrialização ou da pré-industrialização fizeram foi ampliar a base do radicalismo dos sapateiros através do aumento da quantidade de sapateiros e remendões e através da criação de um grande grupo de trabalhadores subcontratados semiproletários e, pelo menos intermitentemente, pauperizados. Muitos artífices remunerados foram forçados a deixar a tradicional estrutura de atividades e expectativas da corporação do ofício passando para uma militância sindical de trabalhadores especializados.

Mas, principalmente, o que este período propiciou foi uma enorme expansão das ferramentas do radicalismo político e de seu repertório de ideias, reivindicações e programas. Ideologias de crítica social e política democrático-seculares, jacobinas, republicanas, anticlericais, cooperativistas, socialistas, comunistas e anarquistas, além de proliferarem, complementaram ou substituíram as ideologias da religião heterodoxa que anteriormente tinham sido o principal vocabulário do pensamento popular. Algumas eram mais atraentes do que outras, mas certos aspectos de todas elas diziam respeito às experiências dos sapateiros, novos ou velhos. Os meios para a agitação popular e o debate também se multiplicaram: jornais e panfletos que ofereciam maior campo para a produção escrita de trabalhadores intelectuais podiam ser lidos e discutidos na oficina do sapateiro. E à medida que o sapateiro filósofo ou herético se transformava

num sapateiro politicamente radical, a emergência de movimentos de protesto e de liberação social, de um mundo virado pelo avesso por grandes revoluções tentadas, realizadas e antecipadas, tudo isso lhe trazia um público extremamente maior disposto a ouvi-lo, e talvez a segui-lo, na cidade e na aldeia. Não é de surpreender que o século que se iniciou com a revolução norte-americana tenha sido a idade de ouro do radicalismo dos sapateiros.

IV

Há uma última pergunta a ser examinada. Afinal, o que aconteceu com o radicalismo do nobre ofício? Temos nos preocupado predominantemente com o período anterior à transformação da fabricação de calçados numa indústria fabril totalmente mecanizada, e anterior à ascensão dos movimentos modernos da classe trabalhadora de tendência socialista e comunista. Durante este extenso período, os sapateiros estiveram associados a praticamente todo e qualquer movimento de protesto social. Podemos encontrá-los em situação destacada entre os pregadores e os sectários religiosos, nos movimentos republicano, radical, jacobino e *sans-culottes*, nos grupos cooperativistas de artífices, nos socialistas e nos comunistas, entre os anticlericais ateus, e, não menos, entre os anarquistas. Na nova era, será que eles tiveram importância semelhante entre os movimentos socialistas?

A resposta é não. Na Alemanha, eles estavam sem dúvida entre os seis grupos de trabalhadores qualificados que forneceram no mínimo dois terços dos candidatos trabalhadores social-democratas para as eleições para o Reichstag até 1914: juntamente com os trabalhadores da madeira, os metalúrgicos, os gráficos, os charuteiros, e, mais tarde, os trabalhadores da construção civil. Entretanto, já em 1912 eles se situavam em posição bastante inferior a todos eles (com exceção dos da construção civil) quanto ao número de candidatos

eleitos. Quanto à apresentação de candidatos, estavam muito atrás dos metalúrgicos, dos trabalhadores da construção civil e da madeira, embora nivelados com os gráficos, cujos números eram muito menores, e à frente dos fabricantes de charutos, que também apresentavam menor quantidade de membros (veja o quadro a seguir). O sindicato dos sapateiros, apesar de como sempre ter iniciado sua organização muito cedo, foi declinando na classificação segundo o tamanho, de oitavo em 1892 para nono em 1899 e décimo segundo no período de 1905 a 1912. No Partido Comunista alemão, após 1918 sua representação era desprezível, pois, dentre 504 dirigentes, somente sete eram sapateiros formados por aprendizado. Entre os 107 ofícios especializados (com a omissão dos ofícios metalúrgicos, extremamente predominantes), eles estavam muito atrás dos gráficos (17) e dos trabalhadores da madeira (29), embora no mesmo nível que os alfaiates (7), que os pedreiros (7) e que os encanadores (8). Com exceção de Willi Münzenberg, o grande propagandista, trabalhador sem aprendizado e não qualificado numa fábrica de sapatos, o Partido Comunista alemão não tinha nenhum sapateiro eminente.¹⁰⁶

Na França os sapateiros eram nitidamente super-representados no Partido Operário Francês na década de 1890, em comparação com sua participação na população ativa (3,6%), com 5,3% dos membros do partido e 7,7% dos candidatos (de 1894 a 1897), mas dados locais não demonstraram que eles tivessem predomínio desmedido a não ser em algumas poucas localidades.¹⁰⁷ Ninguém os teria escolhido, como pareceu razoável aos anarquistas, para simbolizar a militância do movimento socialista. De fato, os sapateiros de esquerda mais importantes foram naturalmente Jean Grave, o anarquista, e Victor Griffuelhes, o sindicalista revolucionário, ambos com a inclinação de seu ofício para escrever sobre política. Não existe muita dúvida sobre o fato de que o papel desempenhado pelo sapateiro foi reduzido à medida que o centro de gravidade do movimento transferiu-se para as indústrias de grande escala e o emprego no setor público. Embora dentre os comunistas mais importantes

em 1945 incluísem dois antigos marceneiros e um antigo pasteleiro, os sapateiros estavam ausentes da lista, cujo centro de gravidade se encontrava agora na indústria metalúrgica e nas ferrovias. Dentre os 51 ex-artífices eleitos para a câmara francesa em 1951, havia somente um sapateiro (socialista).¹⁰⁸

Eleição de 1912 para o Reichstag: grupos profissionais com porcentagem de candidatos e de deputados*

Grupo Profissional	Candidatos	Deputados
Metalúrgicos	15,6	15,5
Trabalhadores da madeira	14,8	10,9
Trabalhadores de construção	12,8	3,6
Gráficos	6,6	7,3
Sapateiros	6,6	4,5
Fumageiros	3,8	6,4
Alfaiates	2,7	4,5
Trabalhadores têxteis	0,8	2,7

Se houve alguma ocupação típica dos ativistas do Partido Socialista austríaco, ela foi a dos serralheiros/mecânicos e a dos gráficos.¹⁰⁹ É difícil encontrar sapateiros de importância neste Partido. E, embora o Partido Socialista espanhol tivesse um sapateiro, Francisco Mora, que foi seu secretário por um período e que acabou sendo (caracteristicamente) seu historiador, a ocupação que nitidamente dominava aquele grupo de trabalhadores era o ofício gráfico. Podemos sem dúvida descobrir uns poucos sapateiros proeminentes em partidos socialistas menos importantes, como no húngaro, onde dois deles, como era de se esperar, tornaram-se editores de seu jornal, e na Social-Democracia (marxista) do Reino da Polônia e da Lituânia,

*Nota e fonte: W. H. Schröder, "Die Sozialstruktur der sozialdemokratischen Reichstagskandidaten, 1898-1912", in *Herkunft und Mandat: Beiträge zur Führungsproblematik in der Arbeiterbewegung* (Frankfurt e Colônia, 1976), pp. 72-96. Todos os valores são percentuais.

onde os sapateiros “mantiveram-se, por toda sua história, como o principal baluarte” de sua sustentação.¹¹⁰ Mas as únicas variedades de comunismo e socialismo modernos nas quais o sapateiro radical pareceu ter tido importância genuína são aquelas que falharam visivelmente em se tornar partidos de massa, ou mesmo partidos típicos da classe operária industrial. O secretário-geral do diminuto Partido Comunista austríaco e seu candidato presidencial (simbólico) foram ambos ex-artífices sapateiros das províncias de Caríntia e Boêmia, respectivamente. E o mais eminente sapateiro radical do século XX é sem dúvida o presidente Ceausescu da Romênia, cujo partido, na época em que se afiliou a ele, provavelmente continha somente um punhado de elementos etnicamente romenos.

Na Grã-Bretanha industrializada, os sapateiros, tão destacados durante o período entre o tempo da Sociedade Londrina de Correspondência e a eleição do radical ateu Charles Bradlaugh pelo distrito eleitoral de Northampton em 1880, não desempenharam nenhum papel marcante na era do Partido Trabalhista, a não ser em seu próprio sindicato. Eles quase não tiveram representação entre os parlamentares do Partido Trabalhista, nem foram, por outras formas, especialmente visíveis. O único homem com alguma experiência do ofício de sapateiro (não especializado) no início de sua carreira de altos e baixos, que se destacou de alguma forma, é o líder dos trabalhadores do transporte Ben Tillett.¹¹¹

Não parece haver quase nenhuma dúvida de que, no todo, o papel do sapateiro radical não era mais tão importante na época dos movimentos operários de massa, de tendência socialista, do que havia sido antes deles. Com certeza, isto se deve parcialmente à transformação da fabricação de calçados de um ofício artesanal ou semiartesanal, numericamente grande, numa indústria numericamente muito menor, distribuindo seus produtos através de lojas. Não mais havia aquela quantidade de membros do mais característico “daqueles ofícios sedentários que permitem que a pessoa ‘filosofe’ enquanto executa tarefas familiares”, entre os quais os anarquistas

encontraram tantos de seus partidários.”¹¹² A maioria dos homens e mulheres que produzem calçados cada vez mais se transformou numa subespécie do operariado fabril, ou num subcontratado do industrialismo desenvolvido; a maioria dos que vendem sapatos não tem nenhuma ligação com sua produção. O sapateiro radical como um tipo pertence a uma era anterior.

Seu período de glória situa-se entre a revolução norte-americana e a ascensão dos partidos socialistas de massa da classe trabalhadora, sempre que esta ascensão ocorresse em qualquer país específico (caso ocorresse). Durante este período, sua inclinação para o pensamento, a discussão e a pregação democrática e autoconfiante, até então expressa principalmente através do radicalismo e da heterodoxia religiosa, encontrou formulações teóricas em ideologias revolucionárias seculares e igualitárias, e sua militância prática nos movimentos de massa de protesto social e esperança. A associação com tais ideologias especificamente políticas do radicalismo transformou o tradicional “sapateiro-filósofo” no “sapateiro radical” — o pobre intelectual de aldeia no *sans-culotte*, republicano ou anarquista de aldeia.

A combinação da onipresença com grandes concentrações ocasionais de artífices semiproletarizados permitiu ao sapateiro seu papel universal e marcante como advogado, porta-voz e líder do pobre. Ele era raramente visto na linha de frente de movimentos nacionais como indivíduo. Mesmo entre os trabalhadores manuais que ganharam a reputação de teóricos e ideólogos, homens como Tom Paine, o fabricante de estais, Weitling, o alfaiate, Proudhon e Bray, os tipógrafos, Bebel, o marceneiro, Dietzgen, o curtidor de couros, serão mais provavelmente lembrados do que qualquer sapateiro. Sua força restringia-se às raízes. Para cada Thomas Hardy ou Mora ou Griffuelhes, houve centenas de outros, que mesmo o especialista na história dos movimentos operários e radicais tem dificuldade em resgatar do anonimato do militante localizado, pois pouco se sabe a respeito deles, exceto que falaram e lutaram em nível local por outros homens pobres: John Adams, o sapateiro de

Maidstone nas revoltas dos trabalhadores agrícolas de 1830, Thomas Dunning, cuja determinação e engenho salvaram os sapateiros de Nantwich do que bem poderia ter sido o destino dos trabalhadores de Dorchester; o solitário sapateiro anarquista italiano que trouxe suas ideias para uma cidadezinha de interior no Brasil. Seu meio era o da política de cara a cara, da *Gemeinschaft* (comunidade) em lugar da *Gesellschaft* (sociedade). Ele pertence historicamente à era da oficina, da pequena cidade, da vizinhança, e sobretudo da aldeia, em lugar da fábrica e da metrópole.

Ele não desapareceu por completo. Um dos autores deste ensaio ainda recorda que, quando estudante, assistiu a aulas sobre o marxismo dadas por um membro desta espécie, um admirável escocês, e que sua atenção foi atraída para o problema do radicalismo do sapateiro em primeiro lugar numa oficina de um remendão calabrês na década de 1850. Existem, sem dúvida, lugares onde ele sobrevive, inspirando ainda os jovens a seguir os ideais da liberdade, igualdade e fraternidade, como o sapateiro, tio de Lloyd George, que ensinou a seu sobrinho os elementos da política radical numa aldeia galesa na década de 1880. Mesmo que ele não seja mais um fenômeno significativo na política do povo, ele o serviu bem. E, do ponto de vista coletivo e através de uma quantidade surpreendente de indivíduos, deixou sua marca na história.

(1980)

NOTAS

1. A. J. C. Buckmaster (Org.). *Village Politician: The Life-Story of John Buckley*, Londres, 1897. p. 41.
2. M. Sensfelder, *Histoire de la Cordonnerie*. Paris, 1856, apud Joseph Barberet, *Le Travail en France: Monographies Professionnelles*, 7 vols. Paris, 1886-1890. vol. 5, pp. 63-4.

3. Rudolf Stadelmann, "Soziale Ursachen der Revolution von 1848", in Hans Ulrich Wehler. (Org.), *Moderne deutsche Sozialgeschichte*. Berlin, 1970, p. 140; E. J. Hobsbawm e George Rudé, *Captain Swing*. Londres, 1969, p. 181. Em português, *Capitão Swing*, Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1982; Jacques Rougerie, "Composition d'une Population Insurgée: l'Exemple de la Commune", *Le Mouvement Social*, n. 48, 1964. p. 42; Theodore Zeidin, *France, 1848-1945*, 2 vols. Oxford, 1973. vol. 1, p. 214.
4. Jean-Pierre Aguet, *Les Grèves sous la Monarchie de Juillet, 1830-1847*. Genebra, 1954; David Pinkney, "The Crowd in the French Revolution of 1830", *Amer. Hist. Rev.*, n° 70, 1964, pp. 1-17; David Jones, *Chartism and the Chartists*. Londres, 1975. pp. 30-32; D. I. Goodway, "Chartism in London" (Universidade de Londres, tese de doutorado, 1979), pp. 37-39, demonstra que a participação proporcional dos sapateiros no cartismo londrino foi maior do que a de qualquer outra ocupação de porte (com mais de 3 mil membros), com exceção dos pedreiros; George Rudé, *The Crowd in the French Revolution*. Oxford, 1959, Apêndice 4.
5. Georges Duveau, *La Vie Ouvrière en France sous le Second Empire*. 7ª ed; Paris, 1946, p. 75.
6. Jacques Rougerie, *Paris libre*. Paris, 1971. p. 263.
7. Reinhold Reith, *Zur biographischen Dimension von "Hochverrat und Aufruhr": Versuch einer historischen Protestanalyse am Beispiel des Aprilaufstandes 1848 in Konstanz*, pp. 33 e ss., pp. 44 e ss. (tese de mestrado, Universidade de Konstanz, 1981).
8. Edgar Rodrigues, *Socialismo e Sindicalismo no Brasil, 1675-1913*. Rio de Janeiro, 1969. pp. 73, 223.
9. R. Hoppe e J. Kuczynski, "Eine Berufs bzw. auch Klassen — und Schichtenanalyse der Märzgefallenen 1848 in Berlin", *Jahrb. f. Wirtschaftsgesch.*, 1964/IV. pp. 200-276.
10. Yves Lequin, *Les Ouvriers de la Région Lyonnaise, 1848-1914*, 2 vols. Lyon, 1977. vol.2, p. 281.
11. Karl Obermann, *Zur Geschichte des Bundes der Kommunisten*. Berlin Oriental, 1955. p. 28.
12. Paul Voigt, "Das deutsche Handwerk nach den Berufszählungen von 1882 und 1895", in *Untersuchungen über die Lage des Handwerks*

- in *Deutschland*, vol. 9 (Schriften des Vereins für Socialpolitik, n. 70, Leipzig, 1897); J. H. Clapham, *Economic History of Modern Britain*, 3 vols. Cambridge, 1952. vol. 2, p. 43.
13. Hobsbawm e Rudé, *Captain Swing*, pp. 181-2.
 14. *Ibid.*, pp. 218, 246.
 15. Keith Brooker, "The Northampton Shoemakers' Reaction to Industrialisation: Some Thoughts", *Northamptonshire Past and Present*, vol. 6, 1980, p. 155.
 16. Amostragem realizada na Librairie A. Faure, 15 rue du Val du Grace, catálogo 5, livros antigos e modernos, itens 262-324; verificada com Jean Maitron (Org.), *Dictionnaire Biographique du Mouvement Ouvrier Français, Pt. I, 1789-1864*, 3 vols. Paris, 1964-1966.
 17. David M. Gordon, "Merchants and Capitalism: Industrialization and Provincial Politics at Reims and St. Etienne under the Second Republic and Second Empire" (Universidade de Brown, tese de doutorado, 1978), p. 67.
 18. William Sewell Jr., "The Structure of the Working Class of Marseille in the Middle of the Nineteenth Century" (Universidade da Califórnia, Berkeley, tese de doutorado, 1971), p. 299.
 19. "De l'Association des Ouvriers de Tous les Corps d'État", reimpresso em Alain Faure e Jacques Rancière (Orgs.), *La Parole Ouvrière, 1830-1851*. Paris, 1976, pp. 159-68.
 20. Gian Maria Bravo, *Les Socialistes avant Marx*, 2 vols. Paris, 1970, vol. 2, p. 221.
 21. Alfred F. Young, "George Robert Twelves Hewes, 1742-1840: A Boston Shoemaker and the Memory of the American Revolution" (a ser publicado em *William and Mary Quart*).
 22. Maurice Garden, *Lyon et les Lyonnais au XVIII^e Siècle*. Paris, 1970, pp. 244 e ss. Um índice de alfabetização acima da média é observado entre os sapateiros rurais em David Cressy, *Literacy and the Social Order: Reading and Writing in Tudor and Stuart England*. Cambridge, 1981, pp. 130-6, porém índices médios ou abaixo da média, para a classificação de "sapateiros inferiores" tanto em Londres quanto no campo. Por várias razões, os indicadores londrinos de Cressy são mais problemáticos do que os rurais.

23. Emmanuel Le Roy Ladurie, *Les Paysans de Languedoc*, 2 vols. Paris, 1966. vol. 1, pp. 349-51.
24. Peter Burke, *Popular Culture in Early Modern Europe*. Londres, 1978. pp. 38-9.
25. Jean Maitron, *Le Mouvement Anarchiste en France*, 2 vols. Paris, 1975. vol. I, p. 131.
26. Por exemplo, Anôn. *Crispin Anecdotes: Comprising Interesting Notices of Shoemakers who have been Distinguished for Genius, Enterprise or Eccentricity*. Sheffield e Londres, 1827; John Prince, *Wreath for St. Crispin: Being Sketches of Eminent Shoemakers*. Boston, Mass., 1848; Anôn., *Crispin: The Delightful, Princely and Entertaining History of the Gentle Craft*. Londres, 1750; William Edward Winks, *Lives of Illustrious Shoemakers*. Londres, 1883; Thomas Wright, *The Romance of the Shoe*. Londres, 1922; Anôn., *Lives of Distinguished Shoemakers*. Portland, Me., 1849; Joseph Sparkes Hall, *The Book of the Feet*. Nova York, 1847.
27. “Bei leisten, drät und pech der Schumacher sol bleiben und die gelehrten leut lassen die bücher schreiben”, “predigender Schuster macht schlechte Schuhe”. *Deutsches Sprichwörter-Lexicon*, 5 vols., Aalen, 1963, vol. 4, cols. 398-399. A injustiça de tais provérbios indignou a tal ponto os compiladores desta enciclopédia do século XIX que eles acrescentaram uma nota de pé de página citando dois sapateiros altamente intelectuais que também fabricavam sapatos excelentes (col. 399).
28. Charles Bradlaugh, o pioneiro do ateísmo, foi eleito para o Parlamento britânico por Northampton, um eleitorado de sapateiros. Para o “Schusterkomplott” dos sapateiros de Viena acusados de ateísmo em 1794, veja E. Wangermann, “Josephinismus und katholischer Glaube”, in E. Kovacs (Org.), *Katholische Aufklärung und Josephinismus*. Viena, 1979, pp. 339-40. Um dos acusados, inspirado pelos sermões de um pregador pela reforma católica, numa típica atitude de sapateiro, “comprou uma Bíblia velha, fez com que eu a ouvisse ser lida, comparou as (...) passagens citadas nos sermões de Wiser (...) com o próprio texto da Bíblia, e por este método eu comecei a duvidar de minha religião.

29. Karl Flanner, *Die Revolution von 1848 in Wiener Neustadt*. Viena, p. 181.
30. Eugenia W. Herbert, *The Artist and Social Reform: France and Belgium, 1885-1898*. New Haven, Conn., 1961, pp. 14 e ss.; para a vingança do sapateiro contra Apelles, que foi o primeiro a sugerir que o sapateiro se limitasse a seu ofício e que se abstinésse de fazer crítica de arte, cf. a enorme influência (através de Grave) do anarquismo nos pintores pós-impressionistas, veja *ibid.*, pp. 184 e ss.
31. Samuel Smiles, *Men of Invention and Industry*. Londres, 1884, Cap. XII.
32. Veja *Crispin Anecdotes*, p. 144; cf. também Hobsbawm e Rudé, *Captain Swing*, pp. 63-70.
33. *Crispin Anecdotes*, p. 45; Winks, *Lives of Illustrations Shoemakers*, p. 232.
34. John Brown, *Sixty Years' Gleanings from Life's Harvest: A Genuine Autobiography*. Cambridge, 1858. p. 239, *apud* Nicholas Mansfield, "John Brown: A Shoemaker's Place in London", *History Workshop*, vol. 8, p. 135.
35. Barberet, *Le Travail en France*, vol. 5, pp. 62-3.
36. Wright, *Romance of the Shoe*, p. 218.
37. *Ibid.*, p. 307.
38. Paul Lacroix, Alphonse Duchesne e Ferdinand Seré, *Histoire des Cordonniers et des Artisans dont la Profession se Rattache à la Cordonnerie*. Paris, 1852. pp. 116-7.
39. Shakespeare, *Julius Caesar*, I, i; Dekker, *The Shoemaker's Holiday*, vol. 4, p. 48-76. A citação pertence ao Cerne Abbas Inquiry de 1594 (Brit. Lib., Harleian MS. 6849, fos. 183-190), em (Org.), *Willobie His Avisa*. G. B. Harrison. Londres, 1926, Apêndice III, p. 264. Somos gratos a Michael Hunter por este exemplo antigo de sapateiros radicais ingleses.
40. *Crispin Anecdotes*, p. 150.
41. Wright, *Romance of the Shoe*, p. 109.
42. *Ibid.*, p. 4.
43. E. P. Thompson, *The Making of the English Working Class*. Londres, 1963, pp. 183-4. Em português, *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
44. *Crispin Anecdotes*, p. 126.

45. Lacroix, Duchesne e Seré, *Histoire des Cordonniers*, pp. 206-7.
46. *Ibid.*, p. 188.
47. Barberet, *Le Travail en France*, vol. 5, pp. 64-5.
48. Wright, *Romance of the Shoe*, p. 46; Hall, *Book of the Feet*, pp. 196-7.
 Apesar da sugestão destes autores, não ficou estabelecida nenhuma associação entre o ofício do sapateiro e o do encadernador. Em Londres, filhos de sapateiros podem estar sub-representados no ofício no período entre 1600 e 1815. Embora a encadernação fosse não raramente combinada com alguma outra ocupação como a do alfaiate-comerciante, do comerciante de tecidos, do barbeiro, do pedreiro, do vidraceiro, do tecelão, do tintureiro, do agulheteiro e do fabricante de rodas, em nenhum caso ela apareceu combinada com o ofício do sapateiro. Calculada com base em Ellic Howe, *A List of London Bookbinders, 1648-1815*. Londres, 1950.
49. Cf. o papel desempenhado por um certo Hans von Sagan nas tradições dos sapateiros alemães. Ele conquistou a boa vontade do imperador, e para seu ofício o direito a incluir a águia imperial em seu brasão, através de sua intervenção numa batalha do século XIV. A relativa escassez de costumes formalizados neste ofício foi observada em Rudolf Wissel, *Des alten Handwerks Recht und Gewohnheit*, organizado por Konrad Hahm, 2 vols. Berlim, 1929. vol. 2, p. 91; Andreas Gressinger, *Das symbolische Kapital der Ehre: Streikebewegungen und kollektives deutscher Handwerksgesellen im 18. Jahrhundert*. Frankfurt, Berlim e Viena, 1981. Agradecemos profundamente a Andreas Griessinger, da Universidade de Konstanz, por ter colocado seu manuscrito a nossa disposição antes de sua publicação.
50. Eileen Yeo e E. P. Thompson (Orgs.), *The Unknown Mayhew*. Londres, 1971. p. 279. Veja também "Mental Character of the Cobblers", citado em *The Man*, n. 9, abril de 1834, Nova York, p. 168: "Todo o dia sentado num banco baixo, pressionando a fôrma ou o couro renitentes (...) ou martelando saltos e biqueiras com muita imonotonia — a mente do sapateiro, independentemente do provérbio, vagueia por regiões metafísicas, políticas e teológicas; e dos homens deste ofício brotaram muitos fundadores de seitas, reformadores religiosos, políticos melancólicos, 'poetas, sofistas, estadistas' e outras 'figuras

- irrequietas', incluindo um sem-número de hipocondríacos. O aspecto sombrio e pensativo dos sapateiros é em geral de fácil observação. E não é mais do que lhes fazer justiça, no entanto, afirmar que sua aquisição de conhecimento e seus hábitos de reflexão chegam com frequência a um ponto de despertar admiração”.
51. Richard Watteroth, “Die Erfurter Schuhandarbeiterschaft”, in *Auslese und Anpassung der Arbeiterschaft in der Schuhindustrie und einem ober-schleisischen Walzwerke* (Schriften des Vereins für Sozialpolitik, n. 153, Munique e Leipzig, 1915), p. 6.
 52. Calculado a partir de Joseph Belli, *Die Rote Feldpost unterm Sozialistengesetz*. Bonn, 1978, pp. 54-94. Agradecemos a Rainer Wirtz por esta referência. Julius Pierstorff, “Drei Jenaer Handwerke”, in *Untersuchungen über die Lage des Handwerks in Deutschland*, vol. 9 (Schriften des Vereins für Sozialpolitik, n. 52, Leipzig, 1897), p. 36, observa que os artífices itinerantes permaneciam na mesma oficina no máximo seis meses.
 53. Griessinger, *Das symbolische Kapital der Ehre*, pp. 102-7, descreve com perfeição estes rituais na Alemanha do século XVIII.
 54. Burke, *Popular Culture in Early Modern Europe*, pp. 38-9.
 55. Robert Chambers, *The Book of Days*, 2 vols. Londres e Edinburg, 1862-1864, vol. 2, p. 492; A. R. Wright, *British Calendar Customs: England*, in T. E. Lones (Org.) 3 vols. (*Folk-Lore So.*, xcvi, cii, cvi. Londres e Glasgow, 1936-1940), vol. 3, pp. 102-104. Na Inglaterra (porém, não na Escócia) a sobrevivência do costume pode ter sido auxiliada pela associação do Dia de São Crispim com o nacionalismo, pois esta era a data da batalha de Agincourt contra os franceses, como os leitores do *Henry V* de Shakespeare recordarão.
 56. Como examinado em Griessinger, *Das symbolische Kapital der Ehre*, pp. 130-3.
 57. Brooker, “The Northampton Shoemakers’ Reaction to Industrialization”, *passim*, sobre conflitos surgidos desta reação durante a industrialização. Veja também Mansfield, “John Brown: A Shoemaker’s Place in London”, *passim*.
 58. *Allgemeine Deutsche Biographie*, vol. 3, verbete de Jakob Böhme.
 59. *Dictionary of National Biography*, vol. 5S.
 60. Winks, *Lives of Illustrious Shoemakers*, pp. 81, 180.

61. Brian Dobbs, *The Last Shall Be First: The Colourful Story of John Lobb, the St. James's Bootmaker*. Londres, 1972, pp. 27-8.
62. B. Aebert, "Die Schuhmacherei in Loitz", in *Untersuchungen über die Lage des Handwerks in Deutschland*, vol. 1 (Schriften des Vereins für Sozialpolitik, n. 62, Leipzig, 1895), pp. 39, 49; Siegfried Heckscher, "Über die Lage des Schuhmachergewerbes in Altona, Elmshörn, Heide, Preetz und Barmstedt", *ibid.*, p. 2.
63. US National Archives RG 217, Fourth Auditor Accounts, Numerical Series, 1141. Devemos esta referência a Christopher McKee.
64. Bernardino Ramazzini, *Health Preserved*, in *Two Treatises*, 2.^a ed. Londres, 1750. p. 215.
65. John Thomas Arlidge, *The Hygiene, Diseases and Mortality of Occupations*. Londres, 1892. p. 216. citando dados de William Farr de 1875 — mortalidade abaixo da média em todas as faixas etárias exceto entre os 20 e 25, em comparação com o índice de mortalidade muito mais alto entre os alfaiates — e Ratcliffe, analista da mortalidade dos membros das associações de solidariedade cuja "vitalidade" ele considerava inferior somente à dos lavradores e carpinteiros.
66. *Crispin Anecdotes*, p. 126.
67. "Foi frequentemente observada a ocorrência comum do desenvolvimento do talento literário entre os sapateiros. Sua ocupação, por ser sedentária e comparativamente silenciosa, pode ser considerada como mais favorável à meditação do que outras; mas talvez sua capacidade de produção literária tenha surgido da circunstância de ser um ofício de trabalho leve, e, portanto, procurado com preferência sobre a maioria dos outros ofícios por aquelas pessoas de vida humilde, que têm consciência de seu maior talento mental do que de sua força física": Hall, *Book of the Feet*, p. 4. Apesar do fato de que o uso do martelo por vezes excluísse o ofício do sapateiro de certos locais por serem um "ofício ruidoso" (*lärmendes Handwerk*) — cf. W. I. Schröder, *Arbeitergeschichte und Arbeiterbewegung: Industriearbeit und Organisationsverhalten in 19. und 20. Jahrhundert*. Frankfurt-Nova York, 1978. p. 91. — o ruído é raramente mencionado na literatura sobre os intelectuais sapateiros.
68. Aebert, "Die Schumacherei in Loitz", p. 38.

69. Nicolaus Geissenberger, "Die Schuhmacherei in Leipzig und Umgegend", in *Untersuchungen über die Lage des Handwerks in Deutschland*, i. Schriftendes Vereins für Socialpolitik, n. 63, Leipzig, 1895. p. 169.
70. Pauly-Wissowa, *Real-encyclopädie der classischen Alterthumswissenschaft*, 2.º ser., iv(1), cols. 989-994, sob "sutor". O baixo status de ofício fica também demonstrado do ponto de vista linguístico. Na França *savetier* era um termo de escárnio; na Inglaterra, a palavra *cobbler* (sapateiro) também significava *botcher* (remendão) ou indicava um trabalhador não especializado. Veja Lacroix, Ducesne e Seré, *Histoire des Cordonniers*, p. 179.
71. Arlidge, *Hygiene, Diseases and Mortality of Occupations*, p. 216.
72. W. H. Schriider, *Arbeitergeschichte*, p. 93.
73. Quanto a estas referências a sapateiros, veja *Crispin Anecdotes*, p. 102; *Deutsches Sprichwörter-Lexikon*, vol. 4, cols. 398-401; *English Dialect Dictionary*, vol. 1, sob o verbete *cobbler*, "Cobbler's dinnerbread atid bread to it" (jantar de sapateiro: pão e mais pão). A impressão popular desde a América colonial até a Europa era de que, o que quer que ele fosse, o sapateiro raramente era próspero. A pobreza e a inclinação a filosofar não eram nem um pouco contraditórias; na verdade, elas podem ajudar a explicar a duradoura reputação dos sapateiros como radicais. Seres pensantes entre os pobres tinham grande probabilidade de se tornarem radicais políticos ou ideológicos. A recordação de John Brown dos "grandes oradores do ofício" descrevia "homens em roupas esfarrapadas e de aparência esquelética" que "derramam seus apelos em linguagem tocante e eloquente": Mansfield, "John Brown: A Shoemaker's Place in London", p. 131.
74. Max von Tayenthal, "Die Schuhwarenindustrie Österreichs", *Sociale Rundschau* (Arbeitsstatistisches Amt im K.u.K. Handelsministerium), vol. 2, pt. I (1901), p. 764.
75. George Unwin, *The Gilds and Companies of London*. Londres, 1908, p. 82; Geissenberger, "Die Schuhmacherei in Leipzig und Umgegend", p. 169; Watteroth, "Die Erfurter Schuharbeiterschaft", p. 15.
76. Nas províncias de Santiago e de Valparaíso, em 1854, havia 5.865 deles, em comparação com 3.720 carpinteiros, 1.615 alfaiates, 1.287 pedreiros e assentadores de tijolos e 1.088 ferreiros e ferradores: L. K. Romero, *La Sociedad de la Igualdad: los artesanos de Santiago de Chile y*

- sus primeras experiencias políticas, 1820-1851*. Buenos Aires, 1978, p. 14. Veja também A. Berna, A. Collantes de Teran e A. Garcia-Baquero. "Sevilla: de los Gremios a la Industrialización", *Estudios de Historia Social*, Madrid, n. 5-6, 1978. pp. 7-310, esp. Quadro 8.
77. Griessinger, *Das symbolische Kapital der Ehre*, pp. 87-90.
78. J. A. Faber, *Drie Eeuwen Friesland*, 2 vols. (A.A.G. Bijdragen, xvii, Wageningen, 1972), ii, tabelas 111.8, 111.9, pp. 444-5 e 446-7.
79. Griessinger, *Das symbolische Kapital der Ehre*, pp. 90-5.
80. Assim, Winks discute o problema da distinção intelectual dos sapateiros sob o título "Uma Constelação de Sapateiros Célebres": Winks, *Lives of Illustrious Shoemakers*, pp. 229 e ss. Quanto à permutabilidade, veja também *Scottish National Dictionary*, sob *souter*.
81. CNRS, *Trésor de la Langue Française*. Paris, 1978, sob *cordonnier*; *Grimms Wörterbuch*, sob *Schuster*.
82. Geissenberger, "Die Schuhmacherei in Leipzig und Umgegend", p. 175. Na Alemanha de 1882, 46,5% de todos os sapateiros independentes viviam em aldeias de menos de 2 mil habitantes (dois terços dos quais possuíam alguma outra ocupação paralela). Dois terços de todos os sapateiros independentes encontravam-se em centros com menos de 5 mil habitantes (*Statistik des Deutschen Reiches* NF Bd4. 1-2, p. I. 194 e NF Bd III, pp. 104 e ss.).
83. Utz Jaeggle, *Kiebingen: Eine Heimatgeschichte*. Tübingen, 1977, p. 249. Praticamente nenhum dos sapateiros locais pertencia à camada social superior da aldeia, e a maioria nem mesmo à camada média. "Mesmo hoje os sapateiros são o mesmo que nada na aldeia": *ibid.* Agradecemos a Rainer Witz por esta referência.
84. Wilhelm Weitling, *Garantien der Harmonie und Freiheit*. Berlim, 1955, p. 289.
85. Flanner, *Die Revolution von 1848 in Wiener Neustadt*, pp. 26-7. Como a cidade especializou-se nas indústrias metalúrgicas bem como nas têxteis, os metalúrgicos (embora menos numerosos do que os sapateiros) estão omitidos possivelmente por terem tido um excesso de representação.
86. Cf. o sapateiro calabrés citado em E. J. Hobsbawm, *Rebeldes Primitivos*, Zahar, Rio de Janeiro, 1978, Apêndice IX, que se orgulhava de trabalhar até mesmo para os *carabinieri*.

87. Devemos esta observação ao dr. Mikuláus Teich, que cita um provérbio de seu país, a Checoslováquia: “Onde houver o que cortar, o que pesar e o que servir, haverá dinheiro a ser ganho”.
88. Raymond Williams, *Culture and Society*. Nova York, 1960, p. 16, citando o *Political Register*, 14-4-1821.
89. Richard Cobb, *Les Armées Révolutionnaires*, 2 vols. Paris e The Hague, 1961-1963, vol. 2, pp. 486-7.
90. *Crispin Anecdotes*, pp. 154-5.
91. Dale Tomich e Anson G. Rabinbach, “Georges Haupt, 1928-1978”, *German Critique*, n. 14, 1978, p. 3.
92. Richard Schüller, “Die Schuhmacherei in Wien”, in *Untersuchungen über die Lage des Handwerks in Österreich* (Schriften des Vereins für Sozialpolitik, n. 71, Leipzig, 1896), pp. 49-50.
93. J. H. Clapham, *Economic History of Modern Britain*, 2.^a ed., Cambridge, 1930, p. 169.
94. Geissenberger, “Die Schuhmacherei in Leipzig und Umgegend”, p. 190.
95. Tayenthal, “Die Schuhwarenindustrie Österreichs”, pp. 972-5; Heckscher, “Über die Lage des Schuhmachergewerbes in Altona, Elmshorn, Heide, Preetz und Barmstedt”, pp. 4, 6.
96. P. R. Mounfield, “The Footwear Industry of the East Midlands”, *East Midlands Geographer*, n. 22, 1965, pp. 293-306.
97. Para a situação em Lynn, Massachusetts, veja Alan Dawley, *Class and Community: The Industrial Revolution in Lynn*. Cambridge, Mass., 1976.
98. James Devlin, *The Guide to Trade: The Shoemaker*, 2 vols. Londres, 1839, é o melhor manual sobre as técnicas de fabricação de sapatos antes da mecanização. O autor, um radical ativista e figura literária sem importância (contribuiu para o *London Journal* de Leigh Hunt) era o melhor artífice de seu ofício em Londres: Goodway, “Chartism in London”, p. 245. Para o final do século XIX, veja John Bedford Leno, *The Art of Boot — and Shoemaking... with a Description of the Most Approved Machinery Employed*. Londres, 1885. Leno, embora fosse gráfico por ofício e mau poeta/declamador como passatempo, por muito tempo esteve associado ao ofício por ser proprietário e editor do periódico *St. Crispin*; veja seu *The Aftermath: With Autobiography of the Author*. Londres, 1892. Para um enfo-

- que mais recente, veja R. A. Church, "Labour Supply and Innovation, 1800-1860: The Boot and Shoe Industry", *Business Hist.*, vol. 2, 1970. Para Erfurt, veja Watteroth. "Die Erfurter Schuharbeiterschaft", esp. pp. 113-4.
99. Barberet, *Le Travail en France*, vol. 5. pp. 71, 85, 116, 163; Émile Levasseur, *Histoire de Classes Ouvrières et de l'Industrie en France de 1789 à 1870*, 2 vols. Paris, 1940. vol. 2. p. 567; Christopher Johnson, "Communism and the Working Class before Marx; The Icarian Experience", *Amer. Hist. Rev.*, n. 76, 1971, p. 66; David Landes, *The Unbound Prometheus*. Londres, 1969. pp. 294-6; Direction du travail, *Les Associations Professionnelles Ouvrières*, 4 vols. Paris, 1894-1904. vol. 2, p. 11-87; *The Unknown Mayhem*, ed. Yeo and Thompson (Org.), pp. 228-79.
100. Charles Poncy, "La Chanson du Cordonnier", in *La Chanson de Chaque Métier*. Paris, 1850. pp. 80-5.
101. Thompson, *The Making of the English Working Class*, p. 161. Em português, *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.
102. *Apud* Faure e Rancière, *La Parole Ouvrière, 1830-1851*, p. 161.
103. Garth Christian (Org.), *James Hawkers Journal: A Victorian Poacher*. Oxford, 1978. pp. 15, 16. Veja também Mansfield, "John Brown: A Shoemaker's Place in London", pp. 130-1, que cita as palavras de John Brown em 1811: "Assim que me estabeleci num local regular de trabalho, tornou-se necessário que eu me associasse ao sindicato ou à assembleia de oficina, que é um acordo para a manutenção de preços".
104. "The Reminiscences of Thomas Dunning (1813-1894) and the Nantwich Shoemaker's Case of 1834", in W. H. Chalonen (Org.), *Trans. Lancs, and Cheshire Antiq. Soc.*, n. 59, 1947, p. 98.
105. *Ibid.*
106. Com base nos dados biográficos em Hermann Weber, *Die Wandlung des deutschen Kommunismus*, 2 vols. Frankfurt, 1969, vol. 2.
107. Claude Willard, *Le Mouvement Socialiste en France, 1893-1905. Les Guesdistes*. Paris, 1965, esp. pp. 335-7. Veja também Tony Judt, *Socialism in Provence, 1871-1914*. Cambridge, 1979. pp. 73, 112.
108. Parti Communiste Français, *Des Français en qui la France Peut Avoir Confiance*. 2ª ed. Paris, 1945; Maurice Duverger (Org.), *Partis Politiques et Classes Sociales en France*. Paris, 1955. pp. 302-4.

109. Com base nos dados de Jean Maitron e Georges Haupt (Org.), *Dictionnaire Biographique du Mouvement Ouvrier International: l'Autriche*. Paris, 1971.
110. Informação pessoal de companheiros húngaros, M. K. Dziewanowski, "Social Democrats Versus 'Social Patriots': The Origins of the Split in the Marxist Movement in Poland", *American Slavic and East European Review*, vol. 10, 1951, p. 18.
111. Com base em Joyce Bellamy e John Saville (Orgs.), *Dictionary of Labour Biography*. Londres, 1972 — em andamento.
112. Maitron, *Le Mouvement Anarchiste* (